Psicanálise e Cinema
v. 10, n. 10, 2023

O Desamor às Diferenças: Múltiplas Faces da Intolerância

Psicanálise e Cinema	Rio de Janeiro	v. 10	n. 10	72 p.	2023

CÍRCULO PSICANALÍTICO DO RIO DE JANEIRO – CPRJ

Filiado às:
Federação Internacional de Sociedades Psicanalíticas - IFPS
Federação Latino-Americana de Associações de Psicoterapia Psicanalítica e Psicanálise - FLAPPSIP
Rua David Campista, 17 | Humaitá | CEP: 22261-010 | Rio de Janeiro - RJ
tel.: (21) 2286-6922 | fax.: (21) 2286-6812 | CNPJ.: 34.117.705/0001-05
e-mail: cprj@cprj.com.br | site: www.cprj.com.br
Biblioteca - tel.: (21) 2286-5747 | e-mail: biblio@cprj.com.br

DIRETORIA DO CPRJ 2024-2025

Comissão de Gestão
Presidente: Maria da Graça Pereira das Neves
Vice-Presidente: Maria de Fátima de Amorim Junqueira
1ª Secretária: Clara Elizabeth Scaler Bar
2ª Secretária: Maria Cristina Redes
Tesoureira: Magali de Oliveira Amaral
Colaboradoras: Ana Claudia Abrantes
Juliana Jabor
Maria do Carmo Blanco
Sonia Maria Damazio Guedes Pereira Friães
Consultora: Alba Maria de Carvalho Senna

Comissão Executiva Técnica de Formação Permanente
Coordenadora: Beatriz Pinheiro de Andrade
Benilton Carlos Bezerra Jr.
Daniela Romão Barbuto Dias
Elaine Vasconcelos de Andrade
Marcia Gaspar Gomes
Marylink Kupferberg
Consultores: Jurandir Freire Costa
Octavio Almeida de Souza

Comissão Executiva Técnica Clínica
Coordenadoras: Lucy Marques dos Santos/Laura Maria Reis Fagundes
Claudia Ramundo
Claudia Rodrigues Pereira
Maria Regina Maciel
Colaboradoras: Alba Maria de Carvalho Senna
Ana Beatriz Vidal Alves Pinto de Almeida
Carolina Marinho Amado Lopes
Magali de Oliveira Amaral

Comissão Executiva Técnica de Publicações e Biblioteca
Coordenadora: Maria Theresa da Costa Barros
Carla Maria Pires e Albuquerque Penna
Denise Cipriano Jabour
Regina Orth de Aragão
Colaboradores: Henrique Sobreira
Lenita Cavalcante
Marcela Diniz Dumas

Comissão Executiva Técnica de Ética
Coordenadora: Edda Bihr
Elisabeth Adler
Regina Celi Bastos Lima

SOCIEDADE DE PSICANÁLISE DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO – SPCRJ
Rua Barão de Ipanema, 56 | Grupo 801 | Copacabana | Rio de Janeiro - RJ | CEP: 22050-032
Secretaria: tel. (21) 2512-2265 | tel./fax. (21) 2239-9848 | secretaria@spcrj.org.br
Biblioteca: biblio@spcrj.org.br | Site: www.spcrj.org.br/

Conselho Diretor – 2022/2024

Conselho Administrativo

Presidente: Alexandre Abranches Jordão
Vice-presidente: Gilda Sobral Pinto
Secretária de Administração: Fernanda Ripper
Secretária de Divulgação: Cristina Vaccari
Secretária de Finanças: Amélia Cerqueira Lopes Reis

Diretoria Técnica

Diretora Técnica: Regina Landim
Vice-Diretora Técnica: Marilúcia Carneiro Rodrigues
Coordenador da Comissão Científica e de Ensino (CCE): Paulo Junqueira
Coordenadora da Comissão de Admissão e Acompanhamento (CAA): Márcia Wanderley
Coordenadora da Comissão de Publicação e Biblioteca (CPB): Silvia Fernandes
Coordenadora da Comissão Ética (CE): Elizabeth Kingston

Diretoria Clínica

Diretora Clínica: Maria Lúcia Fradinho
Vice-Diretora: Katia Geluda

Organizadores – Paulo Sérgio Lima Silva e Neyza Prochet
Editora-Responsável – Neyza Prochet
Bibliotecária e Assistente de Publicações – Ana Carla Teodoro
Revisão de Textos – Pedro Henrique Rondon
Capa e diagramação – Marisco Design
Imagem da Capa: Alexander Milov. *Love*, 2015

Psicanálise e Cinema (Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro / Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro), v. 1, n. 1, (2013) – Rio de Janeiro: CPRJ/SPCRJ, 2013.
Anual
ISSN 2674-8142

1. Psicanálise – Periódicos. 2. Cinema. I. Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro – CPRJ. II. Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro.

Sumário

Apresentação 7

As Bruxas de Salem (*The Crucible*) 9
Maria Theresa da Costa Barros

As Bruxas de Salem "Feitiço através dos tempos" 19
Mariana Brício

Family Life: instituição e complexos familiares 25
Maicon Pereira da Cunha.

Family Life 29
Regina Landim

O Insulto 37
Anna Elisa Penalber

Observações sobre *O Insulto* 43
Luis Claudio Figueiredo

Entre os muros da escola 47
Katia Geluda

Faça a coisa certa 57
Cid Merlino

Meus heróis não aparecem nos selos 63
Sabira Alencar

Apresentação

O DESAMOR ÀS DIFERENÇAS: MÚLTIPLAS FACES DA INTOLERÂNCIA

O bem é aquilo que dá maior realidade aos seres e às coisas.
O mal é aquilo que disso os priva.
(Simone Weil)

A escalada da violência tem se mostrado como um problema crescente e extremamente grave na contemporaneidade. Ela se apresenta em todos os lugares e espaços de nossas vidas e tem nas mídias um solo fértil. Grassa no morro e no asfalto, atingindo jovens, velhos e bebês, homens e mulheres. Atinge a todos, mas nunca da mesma maneira ou com a mesma intensidade e tem uma preferência especial pelas minorias e pelos mais fracos onde determinados traços como idade, gênero, credos, cor de pele e condição econômica tornam uns muito mais vulneráveis que outros.

Ela aparece em todo ato que, deliberadamente, leve ao sofrimento uma pessoa ou um grupo, de que rouba sua humanidade, semelhança ou traço identificatório. Num movimento semelhante àquele que vemos ao atirar uma pedra na água: todo gesto violento mostra-se um multiplicador, propagando-se em ondas, impulsionando mais e novos atos de violência, conectados entre si.

A violência acontece como resposta quando o sentimento de confiança básica no existir não se instala ou é destruído e a relação com a diferença e a alteridade fica insuportável porque ameaça a integridade do sujeito. O indivíduo violento vive em retraimento, relacionando-se predominantemente com seu mundo interno, num circulo vicioso, onde os objetos internos não migram da realidade psíquica para a realidade compartilhada, ou vice-versa, em um estado de encapsulamento que não é alimentado pelas trocas ambientais. Em função disto, funda-se um modo de funcionamento avesso à diferença, à mudança e à troca, visto que estas passam a ser compreendidas como uma ameaça de colapso iminente do equilíbrio precário que o indivíduo conseguiu criar.

Violência e intolerância caminham juntas tornando-se mutuamente catalisadoras. A experiência humana quando fundada no contato fracassado com o ambiente resulta em sentimentos de ameaça e necessidade de defesa permanentes e o contato com o outro – o reconhecimento da diferença e da alteridade – mais do que serem evitados precisam ser destruídos. A intolerância promove a coisificação e a subordinação da experiência humana a conceitos abstratos, ideias ou causas. Se estas ideias ou conceitos tomam o lugar dos vínculos interpessoais encontramos a essência do pensamento fanático. Desta forma, como recurso preferencial, a desumanização – a conversão do dessemelhante em coisa – o que justifica, para o intolerante, a eliminação radical de toda e qualquer diferença, assim como sedimenta a indiferença ao sofrimento alheio e a ausência de empatia.

Mais do que um compromisso, é um dever ético que qualquer força que atinja a capacidade empática e a fratria deva ser combatida, independentemente de sua origem filosófica. O enfrentamento ao ódio e à intolerância acontece através da capacidade humana de criar vínculos entre pessoas e ideias, num empenho devotado a restaurar e preservar as raízes do existir humano – o reconhecimento da alteridade. Eu sou o outro do outro. O outro do outro sou eu.

Buscamos nos encontros neste ciclo um espaço saudável de debate e discussões visando promover experiências de escuta, respeito e compartilhamento. Os textos a seguir derivam destes encontros e agradecemos aos colegas e autores por eles.

Esperamos, com este tema, fazer um tributo a toda forma de criatividade humana que constrói pontes entre indivíduos em vez de trincheiras ou calabouços.

> *...todos nascemos filhos de mil pais e de mais de mil mães, e a solidão é sobretudo a incapacidade de ver qualquer pessoa como nos pertencendo, para que nos pertença de verdade e se gere um cuidado mútuo. Como se os nossos mil pais e mais as nossas mil mães coincidissem em parte, como se fôssemos por aí irmãos, irmãs uns dos outros. Somos o resultado de tanta gente, de tanta história, tão grandes sonhos que vão passando de pessoa em pessoa, que nunca estaremos sós.* (MÃE, Valter Hugo. *O filho de mil homens*. São Paulo: Cosac Naify, 2012. p. 188).

Boa leitura!

Neyza Prochet
Paulo Sérgio Lima Silva
Organizadores

As Bruxas de Salem (The Crucible)

*Maria Theresa da Costa Barros**

Em primeiro lugar quero agradecer a Neyza e Paulo Sérgio pelo simpático convite para participar desse primeiro encontro do Ciclo de Cinema de 2023: *O desamor às diferenças: múltiplas faces da intolerância*. Penso que a escolha do filme – *As Bruxas de Salem*, (*The Crucible*), como ponto de partida do debate proposto, não poderia estar mais afinada com as questões que temos vivido no atual cenário da realidade política e social brasileira.

O roteiro desse filme idealizado a partir da peça de teatro de igual nome, foram ambos escritos pelo dramaturgo americano Arthur Miller: a peça em 1953 e o roteiro em 1996. Para construir essa tragédia moderna, Miller inspirou-se em acontecimentos históricos, ocorridos no século XVII, entre 1692 e 1693, no vilarejo de Salem, em Massachussetsa, nos Estados Unidos, os quais vieram a ser conhecidos como "Caça às Bruxas". Arthur Miller foi tanto o autor da peça quanto o roteirista da adaptação dessa sua obra para o cinema, em 1996, dirigida por Nicholas Hytner. Houve anteriormente, porém, uma outra adaptação dessa mesma peça teatral, realizada por Jean Paul Sartre e, que também se tornou um filme, dirigido por Raymond Rouleau, em 1957.

Embora não esteja explícito, nem na peça original, nem no filme, esse fenômeno de massas, uma espécie de histeria coletiva que atinge a sociedade puritana de Salem, no século XVII, na verdade foi tomada por Arthur Miller como metáfora de uma outra histeria, essa sim bem mais contemporânea e que se instalou nos Estados Unidos, desde os começos do Século XX, por volta de

* Membro efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro (CPRJ). Doutora e Pós-doutora em Saúde Coletiva pelo Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IMS/UERJ). Pós-doutora em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGPS/UERJ). Mestre em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGTP/IP/UFRJ). Psicóloga pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

1919, 1920 o *Red Scare,* o Medo Vermelho. Nessa época, o governo dos Estados Unidos desencadeou uma perseguição atroz a todos aqueles que fossem agentes infiltrados de Moscou ou simpatizantes da ideologia que era vista como ameaça potencial de derrubada de sua forma de governo. Uns anos depois, entre 1940 e 1950, período no qual o Fascismo dominava a Itália, com Mussolini, nos Estados Unidos ocorreu um segundo momento desse *Red Scare*, quando o senador republicano, Joseph McCarthy, afirmou possuir uma lista de centenas de pessoas e agentes infiltrados no Departamento de Estado, época que ficou conhecida como macartismo. Todavia, por não conseguir sustentar tal afirmação, acabou desacreditado e, a partir de 1960, o medo aos comunistas passa a ser visto como um exagero, especialmente entre artistas e intelectuais americanos, responsável por perseguições e decisões radicais tais como a execução de um casal judeu acusado injustamente, de tal tipo de adesão, o que resultou em grande revolta. No entanto, esse discurso de perseguição e medo ao Outro, esse desamor às diferenças, é algo que se tornou bastante enraizado na cultura americana, que teve como berço a tradição religiosa do puritanismo, e é uma marca indubitável, do pensamento ideológico das correntes políticas de extrema direita. Importante destacar o quanto tais crenças e ideologias também afetam e dizem respeito, diretamente, ao nosso ofício enquanto psicanalistas, tal como podemos identificar na fala de Joel Birman na mesa de abertura, no CPRJ, de *Movimento Psicanalítico: invisibilidades e desmentidos*, em março de 2023, ao se referir a acontecimentos ocorridos recentemente:

> Chegado a esse ponto – isso é importante – esse limiar civilizatório que chega nesse contexto, penso que a pergunta que se coloca, que vai implicar a questão da analisabilidade no Brasil – esse é o ponto a que eu queria chegar com vocês – é o seguinte: o que se terá passado na sociedade brasileira para que um projeto de extrema direita radical, como o projeto bolsonarista, tenha ganhado uma eleição majoritária para Presidente da República no Brasil? O que fez com que cinquenta e seis ou cinquenta e oito por cento da sociedade brasileira apoiasse um projeto de extrema direita? (BIRMAN, 2023).

Nas palavras do conferencista, essa "volta dos porões da ditadura ao Palácio do Planalto", em 2018, como foi constatado por toda a população brasileira e, como ele próprio se pergunta, incrédulo, sobre esse apoio majoritário recebido. Semelhante apoio, em parte pode, justamente, ser devido à difusão maciça desse discurso de perseguição ao Outro, aos inimigos, aos diferentes, nas mídias sociais das campanhas políticas do candidato da extrema direita. Todo esse tipo de

difusão acaba por criar uma realidade subjetiva que logo vem a ser imposta, especialmente aos seguidores, como uma realidade factual, na forma de *fake news*.

Podemos apontar alguns fenômenos de massa, de perseguições políticas criminosas, no cenário recente da realidade sociopolítica, que aconteceram na vigência desse governo de extrema direita que, mesmo eleito democraticamente, desde a campanha à Presidência da República, mostrou absoluta intolerância ao Outro, ao diferente, aos que não comungavam dos mesmos valores que pregava e pretendia impor, de forma absoluta e totalitária, como novos ideais de massa para a sociedade brasileira. No Rio de Janeiro, o ápice dessa perseguição ao Outro, ao diferente, àquele que ousa remar contra a maré de interesses espúrios de exploração econômica da parcela mais desamparada da população pelo braço armado das milícias, foi o assassinato brutal da vereadora Marielle Franco. Formada em sociologia pela PUC-RJ, mãe, bissexual, negra, moradora da favela da Maré, eleita democraticamente, com mais de 46.000 votos, pelo PSOL, tudo isso fez de Marielle uma liderança política importante, por isso mesmo uma ameaça à hegemonia de políticos criminosos da extrema direita, que há muito agiam impunemente nos bastidores da política carioca, dominando de forma corrupta e pelo abuso da lei. Dessa forma, esse assassinato espetacularmente violento, em março de 2018, aos 38 anos de idade, atingida que foi, dentro de um carro interceptado por uma rajada de balas de metralhadora na cabeça, mais parecia um recado, para que não ficassem dúvidas aos que porventura pretendessem segui-la, do risco que estavam correndo. O impacto do assassinato de Marielle, no Rio de Janeiro, pode ser comparado ao impacto do assassinato de George Floyd, em Minneapolis, Minnesota, nos Estados Unidos, em 2020. Os motivos divergem, mas a intolerância e a brutalidade não!

Assim punida, excluída, com uma carreira política promissora interrompida, Marielle morre deixando uma filha de 19 anos. O cenário político do Rio de Janeiro poderia ter sido outro, caso ela não tivesse sido eliminada, através desse crime hediondo, cuja ousadia colocou em xeque o próprio regime democrático.

No filme, *As Bruxas de Salem*, esse discurso de perseguição ao Outro, todos aqueles que se diferenciam da norma, por gênero, raça ou posição social, está presente, e, não por acaso, principalmente, através de suas personagens femininas. Embora nessa tragédia moderna escrita por Arthur Miller, o herói seja um personagem masculino, John Proctor, serão as mulheres, que irão ocupar esse lugar do Outro, do diferente que se configura como extremamente ameaçador, no caso da peça, justamente aquelas mulheres suspeitas de praticarem "bruxaria". Essas mulheres, passam então, a ser perseguidas e acusadas,

inicialmente, pelo grupo de adolescentes que havia sido surpreendido na floresta pelo pastor Parris. Na verdade, essa é a cena inicial do filme, que na peça é apenas evocada. As adolescentes, dirigindo-se no lusco-fusco da madrugada, pouco antes do amanhecer, para a floresta, onde se reúnem para participar de um ritual de "bruxarias" comandado por Tituba, a escrava negra trazida de Barbados, a qual se ocupava dos trabalhos domésticos na casa do reverendo, onde também moravam sua filha Betty e Abigail, sua sobrinha.

Assim, ao longo do filme vemos se configurar um contraste entre as duas personagens femininas principais: Abigail Williams, na peça e no filme com dezessete anos, mas que nos documentos históricos, na verdade teria onze anos, a sobrinha de Parris, e Elizabeth Proctor esposa do personagem masculino, John Proctor, com trinta e cinco anos na peça e no filme, e que nos documentos históricos teria por volta de sessenta anos. Essa mudança nas idades se justifica para acentuar o caráter dramático da situação.

Enquanto a personagem Abigail Williams encarna de certa maneira a figura da *femme fatale*, no papel da adolescente responsável pela sedução e desgraça na vida da personagem John Proctor; em contraste, sua esposa, Elizabeth Proctor, representa a mulher fria e distante, muito mais próxima do ideal puritano de feminilidade, a quem o marido se dirige, com as seguintes palavras: "Lá fora há sol e flores, enquanto aqui dentro o inverno permanece. Por que não vai lá fora colher umas flores?".

Assim, o herói masculino, embora tendo transgredido os princípios morais puritanos da época e, cometido o adultério, está de antemão absolvido, pois as responsáveis por sua queda no pecado foram essas duas mulheres: a esposa gelada como o inverno, que fez dele uma presa fácil para as artimanhas e a sedução da dissimulada Abigail. Tanto o autor quanto o diretor destacam a posição social que cabia às mulheres nessa época: deviam se manter sempre subordinadas ao homem, mesmo que para isso se tornassem um pouco idiotas, sem inteligência. Mas, caso não obedecessem a esses ditames, segundo os princípios puritanos, corriam o risco de ser consideradas como possuidoras de um caráter duvidoso, sendo vistas como fingidas e mentirosas.

Os agentes encarregados da punição, numa sociedade teocrática e patriarcal, eram as personagens masculinas, que ocupavam as posições máximas na hierarquia do poder: o juiz Hartrone e o vice-governador Danforth. Na época, o suplício público, aplicado a uma das personagens masculinas, um homem idoso sobre o peito do qual vão sendo empilhadas, uma a uma, pedras pesadas para que diante de tal suplício, acabe por confessar a sua culpa, o que não acontece e ele morre asfixiado. A tortura assim aplicada, publicamente, é vista

como um corretivo moral. Tinha não só uma função moralizadora, mas, através do medo, cumpria a função de evitar que outros pudessem seguir o mau exemplo dado pelo infrator das normas.

O reverendo Hale, especialista em investigar acontecimentos que envolviam algum tipo de prática de bruxaria, acaba se dando conta, quando duas mulheres e esposas exemplares são apontadas como suspeitas de tais práticas de bruxaria, do quanto podia estar equivocado em todo esse episódio. Só que, então, já era tarde demais para voltar atrás. As esposas que cumpriam com todas as suas obrigações, segundo o ideal puritano, eram nada mais nada menos, do que a própria Elizabeth Proctor, esposa de John Proctor, e Rebecca, uma mulher mais velha, casada, que o próprio Hale reconheceu, em sua chegada a Salem, como uma pessoa de moral elevada.

Hale se deu conta então, de que toda aquela histeria coletiva fora desencadeada pelo terror que se apoderou de um grupo de meninas adolescentes que, na iminência de serem as principais suspeitas e mesmo acusadas de praticar bruxaria e, por isso mesmo, correrem o risco de serem enforcadas, passam a desviar as acusações dirigidas contra elas, para outras mulheres, passíveis de entrar na categoria de suspeitas de bruxaria.

Assim, depois de Abigail acusar em primeiro lugar a própria Tituba, esta por sua vez, também aterrorizada e sendo espancada pelo reverendo Parris, com medo de que seu nome e o de sua família pudessem ser associados a rituais de bruxaria, passa a acusar duas outras mulheres. Essas, por sua condição social mais vulnerável, dentro daquela sociedade onde vigorava o ideal coletivo do puritanismo, podiam facilmente ser enquadradas como suspeitas. Tituba acusa então: Sara Good e Sara Osborne.

Psicanaliticamente, poderíamos pensar que o ideal coletivo de uma sociedade puritana, especialmente quando voltado para as mulheres, o ideal de ser uma esposa virtuosa e dedicada exclusivamente à família, subordinada ao homem, sem nunca poder almejar ter um mínimo de vida própria que não fosse o cumprimento de suas obrigações religiosas, da maternidade e de esposa exemplar, semelhante ideal social tornava-se inalcançável para certas mulheres como Tituba, Sara Good e Sara Osborne. A primeira, por ser negra, escrava e ter origem em uma cultura diversa, cujas influências religiosas tendiam a ser vistas, segundo o ideal puritano, como coisa do demônio. As demais, ou porque seu estado de pobreza não lhes permitia possuir roupas adequadas para frequentar a igreja ou, como no caso da segunda, por não ser dotada de beleza suficiente para atrair e conquistar um homem e um casamento que fizesse dela uma mulher digna. Ou ainda, o caso da jovem Abigail, a grande mentora desse

fenômeno de massas, de histeria coletiva que tomou a aldeia de Salem, de caça às bruxas. Abigail cuja sensualidade era incompatível com o recato que uma moça precisava manter para seguir os ideais de uma sociedade puritana; logo só lhe restou a desobediência e insubordinação diante de tais preceitos estabelecidos tanto pelas normas sociais quanto pela religião.

Arthur Miller sem fazer nenhuma conexão explícita com questões políticas de sua época, toma o ideal de eu coletivo de uma sociedade puritana do Século XVII como modelo para demonstrar a asfixia e violência que podem recair tanto sobre os indivíduos que se sujeitam e internalizam tais normas repressivas quanto sobre aqueles que, pela sua diferença, estranheza e incompatibilidade são constituídos como inimigos, suspeitos de subverter a ordem estabelecida e, junto com essa ordem, os seus ideais. Sendo então, por isso mesmo, perseguidos, acusados de práticas suspeitas, e, muitas vezes, eliminados, como na sociedade puritana de Salem, no século XVII, ou nas décadas de vinte e quarenta do século XX, em pleno *Red Scare* nos Estados Unidos, ou ainda, na segunda década do Século XXI, na vigência do governo de extrema direita, no Brasil e do primeiro presidente negro dos Estados Unidos.

Como é do conhecimento de todos, Freud afirma em *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, o seguinte:

> A oposição entre psicologia individual e psicologia social ou das massas, que à primeira vista talvez nos pareça muito substancial, perde boa parte de sua nitidez se a consideramos mais a fundo. É verdade que a psicologia individual se circunscreve ao ser humano singular e estuda os caminhos pelos quais busca alcançar a satisfação de suas moções pulsionais. Porém somente raras vezes, sob determinadas condições de exceção, pode prescindir dos vínculos deste individuo com os outros. Na vida psíquica do indivíduo, o outro conta, com total regularidade, como modelo, como objeto, como auxiliar e como inimigo, e por isso desde o começo mesmo a psicologia individual é simultaneamente psicologia social neste sentido mais amplo, porém inteiramente legítimo (FREUD, 1923/1989, tradução nossa).

A partir dessa premissa freudiana, pode-se com mais clareza destacar a contradição e, mesmo impossibilidade entre a constituição de um ideal de eu social e coletivo, com pretensão de uma total homogeneização e eliminação das diferenças, e, ao mesmo tempo, a constituição de um ideal de eu individual, que aponte para uma direção progressiva sem levar à autodestruição. O ideal de eu regressivo como única possibilidade de escapar ao ideal de eu social e coletivo homogeneizador, pode conduzir a uma espiral descendente de pura

destruição, mesmo que ao final possa parecer libertador. Como no caso da escolha pela morte da personagem masculina de John Proctor, que cumpre no final um papel heroico. Enquanto a personagem feminina de Abigail Willians, que se liberta ao fugir, deixa atrás de si um rastro de morte, mentiras e destruição, cumprindo assim, o papel de anti-heroína.

Em *Introdução ao narcisismo*, Freud nos fala do pressuposto de um "narcisismo primário". Tanto a partir da formulação de que o "ser humano tem originalmente dois objetos sexuais: ele próprio e a mulher que o cria, e nisso pressupomos o narcisismo primário de todo indivíduo, que eventualmente pode se expressar de maneira dominante em sua escolha de objeto" (FREUD, 1914/2010, p. 33) quanto ao afirmar que esse narcisismo primário que pressupõe na criança, é mais fácil ser observado desde um outro ponto de vista, do que diretamente: "quando vemos a atitude terna de muitos pais para com seus filhos, temos de reconhecê-la como revivescência e reprodução do seu próprio narcisismo há muito abandonado" (FREUD, 1914/2010, p. 36). Esse pressuposto das teorias freudianas da libido, cumpre um papel essencial na concepção do que Freud denomina, nessa fase de seu pensamento teórico de construção do "ideal de eu" pela criança: "ela deve concretizar os sonhos não realizados de seus pais, tornar-se um grande homem ou herói no lugar do pai, desposar um príncipe como tardia compensação para a mãe". E, mais adiante, ele nos dá a pista de porque a construção de um Ideal de Eu cumpre para o indivíduo uma função importante, ao comparar os diferentes graus de exigências que cada pessoa coloca a seu próprio Eu, ao longo da vida: "podemos dizer que uma erigiu um *ideal* dentro de si, pelo qual mede o seu Eu atual, enquanto à outra falta essa formação de ideal. Para o Eu, a formação do ideal seria a condição para a repressão" (FREUD, 1914/2010, p. 40), e, sobre esse Eu Ideal, Freud afirma o seguinte:

> A esse Eu ideal dirige-se então o amor a si mesmo, que o Eu real desfrutou na infância. O narcisismo parece deslocado para esse novo Eu ideal, que como o infantil se acha de posse de toda preciosa perfeição. Aqui, como sempre no âmbito da libido, o indivíduo se revelou incapaz de renunciar à satisfação que uma vez foi desfrutada. Ele não quer se privar da perfeição narcísica de sua infância, e se não pôde mantê-la, perturbado por admoestações durante seu desenvolvimento e tendo seu juízo despertado, procura readquiri-la na forma nova do Ideal do Eu. O que ele projeta diante de si como seu ideal é o substituto para o narcisismo perdido da infância, na qual ele era seu próprio ideal (FREUD, 1914/2010, p. 40).

Freud mostra nesse momento o Ideal de Eu como projetando o indivíduo para diante, através dessa tentativa de recuperação de seu narcisismo primário, através de um almejado e, sempre inatingível, Eu Ideal. Em Winnicott, vamos encontrar uma ênfase oposta: ao destacar a importância do ambiente na constituição do psiquismo, irá destacar os aspectos regressivos que o Ideal de Eu pode tomar, quando nessa busca de recuperação de um estado de narcisismo primário, o indivíduo se depara com aquilo que ele denomina "agonias primitivas" (WINNICOTT, 1974/1989). Luis Claudio Figueiredo destaca que ao confrontarmos o pensamento desses dois autores, podemos atribuir a Freud, o seguinte: "É evidente em Freud um certo preconceito contrário à regressão e um *parti pris* favorável ao progressivo" (FIGUEIREDO, 2002, p. 917).

Ao destacarmos essa impossibilidade dos indivíduos de andarem para diante, através da construção de um ideal de eu individual, quando o ideal de eu social e coletivo propõe apenas uma pura negação do Outro com suas diferenças, o qual preferimos denominar de um Ideal de Eu Fascista e Totalitário, para frisarmos seu alto grau mortífero e destrutivo, tal situação paradoxal permite desvelar toda a relevância do tema do ciclo de cinema escolhido para esse ano de 2023: *O desamor às diferenças: múltiplas faces da intolerância*, e a pergunta que esse debate deixa para nossa reflexão, através das figuras principais dessa trama construída por Arthur Miller. John Proctor encontra na escolha da morte sua redenção e, junto com sua redenção individual a libertação de toda a coletividade de um ideal de eu social mortífero e destrutivo. Mas, e nossa anti-heroína Abigail? Talvez ela seja uma antecipação daquilo que no Século XX vai se configurar como o movimento feminista: a libertação das mulheres de séculos de servidão, submissão e exclusão social. Logo, a construção de novos ideais sociais, o desapego de um passado corroído e destroçado por ideais mortíferos e destrutivos, parece ser a tarefa que nos espera, se quisermos projetar um futuro que nos dê esperança de podermos construir um Mundo Melhor para vivermos.

Os dados estão lançados, assim, para concluir, só nos resta afirmar: "*No creo en brujas, pero que las hay, las hay...*".

Junho de 2024

Maria Theresa da Costa Barros
mtcostabarros@gmail.com
Rio de Janeiro - RJ - Brasil

Referências

BIRMAN, J. Movimento psicanalítico: invisibilidade e desmentidos. *Cadernos de Psicanálise - CPRJ*, Rio de Janeiro, v. 45, n. 48, p. 11-26, jan./jun. 2023.

CANDIDO, A. (1918-2017). *O discurso e a cidade*. São Paulo: Todavia, 2023.

FIGUEIREDO, L. C. A tradição ferencziana de Donald Winnicott. Apontamentos sobre regressão e regressão terapêutica. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 36, n. 4, p. 909-927, 2002.

FREUD, S. (1914). Introdução ao narcisismo. In: _____. *Introdução ao narcisismo*: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914/1916). Tradução e notas de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. (1923). *Psicologia de las masas y análisis del yo.* Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1989. p. 67. (Obras completas, 18).

OLIVEIRA, W. C. D. de. As Bruxas de Salem (The Crucible) de Arthur Miller: Aproximações e Distanciamentos Entre a Peça e a Produção Cinematográfica. *Revista Moinhos,* Tangará da Serra, v. 06.65, 2019.

SOARES, J. L. dos S. Poder, Perseguição e Silenciamento: A Caça ao "Outro" em as Bruxas de Salem" de Arthur Miller. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Letras – Inglês da Universidade Federal da Paraíba, como parte das exigências para obtenção do Título de Licenciado em Letras – Língua Inglesa, 2019.

WINNICOTT, D. (1974). O medo do colapso. In: _____. *Explorações psicanalíticas.* 2. ed. p. 70-76. Porto Alegre: Artmed, 1989.

As Bruxas de Salem "Feitiço através dos tempos"

*Mariana Brício**

O cinema americano adora as bruxas: *As Bruxas de Salem*, *A Bruxa de Blair*, *O Mágico de Oz*, *O Bebê de Rosemary*, *As Bruxas de Eastwick*, *Jovens Bruxas*, entre tantos outros, até o carismático e encantador universo criado por J.K Rowling em *Harry Potter*. Arthur Miller, para escrever a peça, recorreu às bruxas mais uma vez. Usou de um dos episódios mais estranhos e obscuros da história dos Estados Unidos da América para falar sobre intolerância, paranoia, medo e histeria coletiva. A peça foi encenada pela primeira vez em 1953, no momento de maior temor e no auge da histeria anticomunista nos Estados Unidos.

O nebuloso acontecimento de Salem serviu como uma alegoria perfeita à perseguição macartista. O próprio Arthur Miller foi chamado a depor para delatar colegas intelectuais e artistas. O medo se instalava e, como vimos no filme, ele funciona como rastilho de pólvora e é capaz de destruir vidas e deixar seu registro por tempos indeterminados. É claro que Miller romantizou um evento de trágicas proporções. Nunca houve dança na floresta entre adolescentes, segundo os registros históricos. Muito menos um triângulo amoroso. Abigail Williams, sobrinha do Pastor Samuel Parris, tinha na verdade 11 anos quando tudo aconteceu. Acompanhamos em Proctor a completa jornada do herói, até sua redenção final com o enforcamento. Um homem atormentado pela culpa do adultério. Proctor, na verdade se chamava John Procter, um fazendeiro beberrão, desbocado e enganador. Mas será a partir de Elizabeth Procter e Abigail Williams que vamos subir em uma vassoura voadora, e viajar no tempo, até a Baía de Massachussetts, em 1692. Sim, não estou sendo divertida nesta apresentação. As bruxas cruzavam os céus em seus cabos de vassouras, segundo o relato de várias testemunhas em Salem.

* Membro associado da Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro (SPCRJ).

Para aquelas pessoas, o que hoje entendemos quase como uma anedota, uma caricatura, era tão real quanto estarmos aqui agora, nesta sala virtual, falando sobre as bruxas.

A vencedora do prêmio Pulitzer, jornalista e escritora, Stacy Schiff escreveu um dos mais completos registros históricos sobre Salem. No livro *As Bruxas*, de 2015, ela fala: "Se soubéssemos mais sobre Salem poderíamos prestar-lhe menos atenção". O que, realmente, aconteceu naquele vilarejo? Por que de uma hora para outra vizinhos, amigos e até mesmo familiares passaram a acusar uns aos outros de bruxaria? Quais eram essas bruxarias? Quem eram essas pessoas?

A região da Nova Inglaterra, em meados de 1690, era um lugar perdido no tempo e no espaço. A maior parte dos moradores tinha saído da Inglaterra para poder professar sua fé. Se sentiam perseguidos por acharem incompleta a Reforma e discordavam da Igreja. Por se sentirem oprimidos, os puritanos atravessaram o oceano e foram se instalar na região. Ouçam: eu não estou falando apenas de protestantes. Estou falando de Puritanos. Um grupo dissidente fervoroso. O único livro permitido nas casas era a Bíblia. Eram extremamente intolerantes, não suportavam a diferença e os diferentes, eram ardorosamente religiosos e viviam em comunidades fechadas com rigor, disciplina e funções muito estabelecidas. Para se ter uma ideia do isolamento de algumas dessas comunidades, muitas não sabiam quem ocupava o trono inglês, ao qual estavam submetidos, e nem em que ano estavam exatamente. A Nova Inglaterra é uma região de um céu muito escuro, muito frio e invernos rigorosos e longos. A ameaça do sobrenatural pairava e a fé era a arma utilizada contra ela. O Diabo estava sempre à espreita, esperando um deslize, uma fala, uma ação para se instalar. Isso comprovava a ideia de que os puritanos eram o povo escolhido. O medo vinha do céu, do mar e da terra: existia o pavor dos ataques de franceses e dos povos originários da América, selvagens e diabólicos com seus rituais e crenças. Era muito comum naquela época e região, ocorrerem ataques de indígenas. Afinal, os originários perdiam seu território. Eram aniquilados. O que aconteceu com os indígenas norteamericanos não foi em nada diferente do que ocorreu no resto das Américas. Conhecemos bem essa história e essas práticas e não preciso me deter nelas. É mais um episódio de violência, intolerância e opressão religiosa no mundo.

Os Puritanos gostavam de ter sua vida registrada. Eram mantenedores de diários sobre o dia a dia na comunidade. Interessante é que o episódio de Salem tenha tido tão poucos registros. Não há registros dos julgamentos, há os

relatos, respostas sem perguntas, pedaços de depoimentos. E vamos nos lembrar: sempre feitos por homens, apenas homens. Era comum que as pessoas de uma família tivessem o mesmo nome. Acusadas como Sarah Good e Sarah Osborne podiam ser facilmente confundidas. Segundo a pesquisa da jornalista Stacy Schiff, os registros que ficaram davam apenas detalhes das bruxas: "Mary Warren é muito bonita", logo é uma bruxa. E Abigail Hobbs? Desavergonhada. Também bruxa. Tudo sobre Salem é confuso e cheio de lacunas.

A história nos conta que o movimento começou na casa do Pastor Parris. A sobrinha Abigail Williams e a filha Betty Parris começaram a apresentar sintomas estranhos e incompreensíveis para os puritanos. As meninas latiam, reclamavam de beliscões e picadas, seus corpos ficavam rígidos. Parece uma das descrições que temos das histéricas estudadas por Freud. As primeiras tentativas de "cura" foram feitas com orações. Mas novos casos apareciam entre outras adolescentes. São muitos os nomes e vários se parecem. Não vou me ater a eles. Depois de perceber que apenas Deus não daria conta do recado, o Pastor chama os médicos. Já tinha existido outros casos de feiticeiras na região da Nova Inglaterra. A Histeria também já era catalogada e tratada pelos médicos. O tratamento era "infusão de leite humano e sangue da orelha amputada de um gato macho". "O kit básico da época não diferia daquele da Grécia Antiga: sangue de besouro, pulmão de raposa, coração de golfinho. As lesmas figuravam em muitos remédios" (SCHIFF, 2015, p. 32). Quando o médico não conseguiu tratar as meninas, não se teve dúvidas: era bruxaria. O diabo estava na vila, possuindo almas, com o objetivo de destruir os Puritanos.

Na casa do Reverendo Parris havia uma presença muito importante e renegada ao longo da história: Tituba, uma escrava indígena. Tituba cuidava das meninas Parris. Reconhecida e eternizada pela escritora Maryse Condé, no livro *Eu, Tituba: bruxa negra de Salem* temos em Tituba a figura da mulher diferente, daquela que professava a fé puritana, mas tinha um passado que remetia a uma criação nativa e selvagem. A origem de Tituba não é certa, mas muitos estudiosos acreditam que ela nasceu em Barbados. O arquipélago antilhano guarda as práticas religiosas pagãs. Conceição Evaristo, que escreve o prefácio do livro de Condé no Brasil, faz um destaque muito importante em determinado trecho. Ela diz:

> A obra *Eu Tituba: bruxa negra de Salem* oferece também uma leitura bastante elucidativa sobre a condição das mulheres no período em que uma moral puritana imperava sobre a sociedade. Todas as mulheres estavam sob o poder de um patriarcalismo exercido pelos homens de sua família e pela Igreja. As

> mulheres de todas as condições sociais eram subjugadas. As africanas e suas descendentes mais ainda, pois estavam em condições de subordinação, imposta pelo senhor e pela senhora (CONDÉ, 2019, p. 11).

Tituba foi a terceira mulher a ser acusada de bruxaria em Salem e foi a primeira a assumir um pacto diabólico entre as bruxas e o diabo e a relatar um voo. Pronto, a partir daí, muitas mulheres e alguns homens foram acusados de bruxaria, inclusive dois cachorros.

Temos nesta parte do filme, um preciosismo grande do que ocorreu em Salem. A delação era premiada. Qualquer problema pessoal era razão para acusações: um sussurro por fofoca passava a ser uma conjuração, disputa de terras, mal-estar entre vizinhos, rixas antigas e até a ganância pela lenha, artigo caro e precioso naquela região fria dos Estados Unidos. Salem é também a história de um julgamento arbitrário, leviano e cruel. Juízes de Massachusetts foram chamados até o vilarejo para condenar as bruxas. Torturas foram feitas, violências absurdas cometidas contra mulheres, idosos e inocentes. A tortura que vemos no filme de um homem ser esmagado por pedras realmente aconteceu. Contudo, em John Indian, outro indígena escravo dos Parris que a história indica ser o marido de Tituba. Interessante é que qualquer morador da Nova Inglaterra conseguia reconhecer uma bruxa. Joseph Glanvill, naturalista inglês e formado por Oxford, definiu o que eram as bruxas em 1681: "A bruxa é alguém capaz de fazer ou parecer fazer coisas estranhas, para além do poder conhecido da arte e da natureza comum, em virtude de uma confederação de maus espíritos" (CONDÉ, 2019, p. 56). Maus espíritos, voos noturnos, dores nos corpos. Nada escapava em Salem, afinal, uma bruxa poderia se transformar em lebre, gato ou lobo. Mas o animal preferido era um pássaro amarelo, como no filme. A bruxaria era propagada por linhagem materna. Maridos passaram a acusar esposas, mães acusavam filhas, que de volta, acusavam a mãe. Salem passou a viver de boatos, acusações, medo, paranoia. Elementos perfeitos para uma tragédia. Acho até que podemos dizer que Salem virou uma fábrica de *Fake News*, com uma operação de intolerância e aniquilação do diferente, por parte do "Gabinete do Ódio".

Quando conseguimos ter acesso aos reais motivos das condenações, vemos uma orquestrada farsa, um movimento histérico coletivo, pânico e a misoginia que assombra e mata as mulheres até os dias de hoje. A associação das mulheres com a bruxaria remonta ao mito de Lilith. Vingativa, magoada, Lilith manda a serpente com o fruto do pecado ao Paraíso, para enganar Eva e Adão. Quanto poder destruidor tem uma mulher. O mito diz que Lilith foi

expulsa do Paraíso por não se permitir ser subjugada por Adão. Adão não teve alternativa, a não ser criar Eva de uma das suas costelas. Exilada, Lilith passou a ser vista como ardilosa, vil, cruel, enganadora. É neste ponto que a história se divide: temos em Eva a face doce, submissa e santificada das mulheres; e a face que precisa ser combatida, morta, destruída de Lilith, a lua negra, a bruxa que encanta e seduz os homens, mas que não se permite dominar.

O Cristianismo teve grande contribuição na perseguição dessas mulheres. Não há nenhum registro sobre bruxas no Novo Testamento. Contudo, foi através da Inquisição, instaurada pelo Papa João XXII, em 1326, que a perseguição às bruxas teve seu auge na História. Os dois séculos seguintes foram de horror para as mulheres. O livro *Malleus Maleficarum*, traduzido no Brasil como o *Martelo das Feiticeiras*, era o guia para se identificar uma bruxa. Temos a seguinte frase no livro: "quando uma mulher pensa sozinha, ela pensa uma maldade". A Inquisição se alastrou por todo o mundo Ocidental e, claro, chegou à Nova Inglaterra, tendo seu pior episódio em terras americanas, em Salem. Contudo, 100 anos depois que a Inquisição já tinha acabado em território europeu, mulheres não eram mortas em fogueiras, como Joana d'Arc, no século XV, mas acusadas de bruxarias, presas e condenadas à forca.

Outra jornalista e escritora, que também se debruçou sobre a caça às bruxas, foi a franco-suíça Mona Chollet, no livro *Bruxas: a força invisível das mulheres*. No livro, Mona destaca que pensar a violência estrutural em relação às mulheres é pensar em algo muito próximo e não pertencente somente ao passado longínquo. A caça às bruxas foi uma empreitada disciplinar, de censura e educação de corpos indóceis. São corpos como os das adolescentes de Salem. Que precisavam ser educados para ocuparem um espaço determinado socialmente, ficando restritas ao ambiente doméstico, de formação social do trabalho e da família nuclear.

A bruxa é uma mulher que guarda características que podemos entender como "independência". Sarah Good era uma viúva que vivia isolada em Salem. Sarah Osborne era uma mendiga, Tituba, uma indígena: as primeiras acusadas eram mulheres "fora da linha". Toda uma máquina disciplinar fora colocada em curso. Uma máquina perversa que incluía mãe, maridos, vizinhos, Igreja e Estado.

Para finalizar a apresentação, deixo com vocês a reflexão do real motivo da acusação, prisão e condenação de Elizabeth Procter. Elizabeth foi acusada de bruxaria porque lia livros. Elizabeth era uma leitora. Olho nesta sala e vejo que todas aqui somos bruxas. Se estivéssemos em Salem, provavelmente não escaparíamos da forca. Parece que Salem é um episódio perdido, mas não é bem assim. Os mecanismos psíquicos que fizeram Salem acontecer não desaparece-

ram. Nós mulheres, ainda vivemos tempos de intolerância e muito medo. Segundo Monitor da Violência e do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), em 2022, o Brasil bateu o recorde de feminicídios. Foram mais de 1400 mulheres mortas apenas por conta do gênero. Em média, uma a cada seis horas.

Agosto de 2024

Mariana Brício
maribserra@gmail.com
Rio de Janeiro - RJ - Brasil

Referências

CONDÉ, M. *Eu, Tituba:* bruxa negra de Salem. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

MILLER, A. *A morte do caixeiro-viajante e outras 4 peças*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SCHIFF, S. *As bruxas:* intriga, traição e histeria em Salem. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

Family Life: instituição e complexos familiares

Maicon Pereira da Cunha[*]

Nesse ano de 2023 o ciclo de cinema versa sobre o tema *O desamor às diferenças: múltiplas faces da intolerância.* E nesse sentido a escolha do filme *Family Life* nos brinda com um pulsante convite à reflexão sobre algumas facetas das relações familiares e institucionais – aqui no caso, notadamente, a instituição asilar/psiquiátrica.

Tecerei alguns breves comentários sobre o filme, cuja temática e conteúdo são de tal forma férteis que inúmeras perspectivas podem ser cartografadas e aprofundadas. Mas acredito que o colorido e a vida do debate possam estar inscritos na circulação de ideias e da palavra. E por isso me sinto aqui no lugar de comentar algo não para esgotar, mas para tentar ajudar a catalisar essa circulação efervescente.

Family Life é um filme dos inícios da estrada cinematográfica de Ken Loach. É a terceira produção de longas realizada pelo cineasta britânico conhecido pela abordagem de temas que apontam para um engajamento político. Ken Loach nos instiga constantemente a refletir sobre os temas do cotidiano e da vida ordinária, realçando e proporcionando visibilidade para a lógica das estruturas sociais, políticas e econômicas, para a burocratização e precarização da vida.

No filme em questão há a retração dos interstícios agonizantes de uma família no trato com as diferenças. Sua construção gira em torno da personagem Janice, uma jovem que é insistentemente convidada a se adaptar aos padrões ditos normais e – por que não dizer? – claustrofóbicos, de sua família e de seu entorno?

[*] Membro Associado em Formação do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro (CPRJ). Doutor em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGTP/UFRJ). Professor de Psicologia da Universidade Estácio de Sá.

Poderíamos situar os pais de Janice como conservadores, alheios às perspectivas singulares, que constituíram suas vidas em prol dos ideais e valores de família e normalidade burocrática de uma classe média. Seu pai é um senhor devotado ao trabalho e praticamente sem tempo livre para simplesmente viver e se relacionar justamente com aquela instância que ele acredita ser seu bem maior, que é sua família. A mãe de Janice é uma senhora altiva, controladora, e severamente reprimida no sexual.

Ambos são implacáveis na busca por um estado de docilização do corpo e da alma de Janice, e esta persiste em se mostrar e firmar sua contrariedade a esse projeto de extinção de si até onde ela pode. Desde os comportamentos tidos como excêntricos, anormais, desadaptativos. Até o fim da narrativa do filme, com seu estado de mudez e desvitalização, quando sua saúde mental está totalmente comprometida, Janice tenta fazer com que o ambiente compreenda as mensagens que ela oferta em seus atos de rebeldia e em suas crises de raiva. Sabemos com Winnicott da importância e necessidade da integração do ser ao seu meio, relação que na história do filme se mostra conturbadamente constituída e duramente atacada, até que se exponham em carne-viva as chagas da relação de um processo de integração que não integrou as diferenças, pilar essencial da vivência dos processos complexos da vida.

Vários são os momentos do enredo em que são evidenciadas as dificuldades de Janice com seu meio. Essa personagem é construída e apresentada como uma moça instável emocionalmente, com dificuldade de permanecer longos tempos em seus empregos. Por outro lado, os pais severos intensificam suas atitudes hostis e reativas à medida que o comportamento da filha desvia da norma esperada e idealizada. Não apenas seus pais, mas o entorno tem dificuldade em lidar com a diferença. O início do filme mostra Janice sendo levada pelo segurança do metrô: Janice diz que a razão seria por estar sentada na plataforma.

A partir daí uma jornada em torno dos processos terapêuticos e internações psiquiátricas ganha luz e com essa jornada assistimos às várias e multifacetadas dimensões, continuidades e descontinuidades nos processos que acabam por evidenciar um fracasso retumbante, o que faz seus pais legitimarem sua opinião de que Janice é um caso sem solução.

A saga na busca por algum tratamento que pudesse corrigir seus "parafusos danificados" e comportamentos desajustados vai se revelando mais e mais fracassada à medida que uma tessitura de punição e culpabilização se entrelaçam no lugar da compressão dos processos complexos e sutis que forjam a trama das relações humanas.

Ao longo do filme Janice se mostra quase na totalidade do tempo incomodada, raivosa ou alheia e desvitalizada, na medida em que ela é sintoma de uma família que tenta reificar a todos que a ela pertencem. Seus desajustes são epifenômenos de falas e gestos duros e sem linguagem amorosa, o que torna o processo de desajustamento cronificado. O tratamento idealizado em torno de uma individualização da problemática revela faces e perspectivas problemáticas que no lugar de cuidar, reforçam estigmas.

Em uma das cenas em que Janice ouve de forma imóvel o ronronar da repetição das falas vorazes e vazias de seus pais, e ao final chama atenção para um jarro chinês e diz que está sujo. Pois é, parece que aquela casa tinha bastante sujeira e poeira nas relações, mas como era difícil descentrar e ampliar essa perspectiva da dimensão da sujeira moral do corpo e comportamentos de Janice. Aquele corpo era o receptáculo e depósito de todo o mal daquele complexo familiar. Me refiro aqui à dimensão do mal, pois esse é um signo evocado diversas vezes nas narrativas, seja de Janice, seja de algum colega de internação. "Má, eu sou má, minha mãe é boa", diz Janice; "eu sou ruim", diz uma interna, e assim o mal é encarnado e pessoalizado. Fazendo um paralelo com o primeiro filme do ciclo, Janice poderia ser lida na chave interpretativa do misticismo feiticeiro, possuída por algum elemento diabólico. Agora, o mal está encarnado em seu corpo e comportamentos desadaptativos e em seu organismo desequilibrado bioquimicamente, precisando de intervenções psicofarmacológicas, eletrochoques e tratamentos afins que apenas perpetuam sua existência desintegrada.

E esse corpo desequilibrado organicamente é o *ethos* do mal-estar psicopatológico atual – cada vez mais intensamente. Essa lógica faz sentido se contextualizarmos o filme, que tem um *boom* no início da década de 70, contemporaneamente à articulação maciça da lógica neoliberal que se intensifica e que presenciamos com força na atualidade. Essa lógica possui como eixo central a localização do mal-estar no interior e nas delimitações inerentes aos indivíduos.

Essa realidade é sublinhada no filme no incômodo do pai de Janice ao Mike, o psiquiatra com um furor terapêutico alternativo. Mike se interessava por saber das relações familiares, perguntava sobre a vida sexual do casal, e em algum momento o psiquiatra pergunta reativamente qual seria a relação daquelas perguntas todas com a questão de Janice. A psicanálise vivia um momento de triunfo e hegemonia, ao mesmo tempo em que o vocabulário psicopatológico – justamente na contemporaneidade ao lançamento do filme – faz um *twister* e torce seu eixo epistemológico.

Se a presença maciça da psicanálise se fazia presente no DSM 2, a justificativa de um manual a-teórico percorreu os debates psiquiátricos na década de 70, o que culminou com a erradicação do vocabulário psicanalítico, como por exemplo a ideia de neurose, que foi apagada do manual a partir de sua terceira versão. A partir do DSM-3 e cada vez mais há um aumento na catalogação do conjunto de sinais e sintomas dos transtornos psicopatológicos, e um aumento das próprias categorias dos transtornos, o que incide na inquisição individual do sofrimento. Os complexos familiares e relacionais cedem espaço para a teoria do desequilíbrio químico que confirma esse lugar do individual na experiência do sofrimento. Há um cérebro e um corpo individual doentes, e é o que vemos atualmente cada vez mais radicalizado, sobretudo a partir de determinadas leituras reducionistas baseadas no discurso das neurociências.

Somos seres de linguagem, e como tal precisamos do outro para conceber nossa estada no mundo. É isso que se revelava extremamente árido para Janice. Um pouco de vitalização era encontrado em raros momentos, sobretudo com seu namorado, bastante crítico com relação às estruturas sociais e com alguma sanidade desadaptativa, o que permitia a Janice ter um porto de aconchego para sua experiência como vivente. A vitalização dos laços é algo que demanda esforço, que necessita de uma ampla articulação e provocação afetiva que incide em uma luta política bem constituída. Lembro aqui do potente trabalho da Dra. Nise da Silveira, que remava contra intensas marés na promoção de um cuidado institucionalizado no âmbito da saúde mental que extrapolasse o campo da promoção de violências e apagamentos e desamor às diferenças. O trabalho com terapia ocupacional e promoção artística revelava o colorido e força de um trabalho ético e estético que podia fazer frente a tratamentos violentos que se travestiam de cuidado.

Enfim, os processos de violência são sempre marcas indeléveis que constituem registros nos quais diferenças são borradas e apagadas. Os processos de ligação e erotização se colocam como eixos fundamentais e necessários na construção de novos caminhos possíveis.

Junho de 2024

Maicon Pereira da Cunha
mpcrj1@gmail.com
Rio de Janeiro - RJ - Brasil

Family Life

*Regina Landim**

Mas quando me perdi, se estou perdido
antes de haver nascido
e me nasci votado à perda
de frutos que não tenho nem colhia?

(Carlos D. de Andrade, *Elegia*)

Introdução

Family Life me conquistou à primeira vista. O filme me transportou aos anos 60, às manifestações dos jovens, à luta antimanicomial e também a atividade e passividade, um dos pares de opostos sublinhados por Freud em sua obra.

Pensei dividir essa análise em três pontos de vista:

Em primeiro lugar vou abordar tópicos da biografia de *Ken Loach*, diretor de *Family Life*, *Vida em família*, com destaque para algumas de suas obras. Em seguida vou focalizar o contexto histórico em que o filme se situa. Terminarei com a análise do filme.

Creio que, para psicanalistas, este filme produz um sentimento de indignação, mas – se conheceram a linguagem cheia de paradoxos descrita pela antipsiquiatria não terão muitas surpresas nem se defrontarão com mistérios. Até porque a fala da mãe de *Janice*, no filme, é uma boa amostra dessa fala paradoxal, contraditória e alienante. Resta a questão: "Seria possível a fabricação social da loucura?".

* Membro psicanalista e Supervisora da Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro (SPCRJ).

Ken Loach

Kenneth Loach nasceu na Inglaterra em 1936. A Segunda Guerra Mundial, cujo palco foi sobretudo a Europa, começou em setembro de 1939 e só foi terminar em maio de 1945 pela rendição da Alemanha[1]. Pela presença e pela proximidade dos bombardeios e batalhas, a guerra obrigou a família do menino *Kenneth* a realizar fugas e deslocamentos para se afastar dos territórios conflagrados. Não sei em que medida o contato da criança com a angústia diante da destruição, das bombas, das fugas, da pobreza, da fome, do desamparo, influenciou seus filmes. Mas li que ele privilegia em sua obra a população pobre e explorada como, por exemplo, os trabalhadores das minas inglesas. Sua filmografia é extensa. Seus primeiros filmes são curtas, destinados à televisão. Muitos dos longas não foram apresentados no Brasil e, mesmo dentre os que chegaram até nós, não são muitos aqueles que conheço. Lembro que vi *Terra e liberdade*, de 1995, que tem a ver com os ideais que levaram rapazes e homens de esquerda, de várias procedências a lutar na guerra civil espanhola de 1936, alinhados com os republicanos, adversários da extrema direita católica. O generalíssimo Francisco Franco ganhou a guerra em 1939 e governou a Espanha, em regime ditatorial, até 1973. Mas o filme que mais me despertou para a mensagem de *Ken Loach* foi *Eu, Daniel Blake*, porque, numa certa medida, somos todos *Daniel Blake*, analfabetos ou semianalfabetos digitais, desamparados diante de administrações frias, distantes e surdas para as necessidades impostas às pessoas por essas instituições. Lemos isso, descrito de maneira mais pessimista e fatalista, no livro de *Franz Kafka*, o *Processo*. Nos filmes que conheci de *Ken Loach* há sempre uma esperança: há ligações improváveis entre pessoas, a expectativa de conseguir chegar a algum êxito, ganhar a guerra da Espanha, poder finalmente oficializar a licença médica concedida, ou, como em *Você não estava aqui*, alcançar independência e prosperidade pelo empreendedorismo. A mensagem desses filmes vai da esperança da realização de um projeto, de liberdade, de justiça, ao seu fracasso, à desilusão, por falta de apoio de um estado que olhasse para seus pequenos. Não uso, de propósito, o termo minorias, porque às vezes são metades, ou mesmo maiorias silenciadas e tornadas invisíveis e vulneráveis pelo preconceito. Sua revolta seria emudecida, anulada.

Mas, somos psicanalistas. Um comentário que li sobre *Terra e liberdade*, que não vejo há muito tempo, dizia que as discussões internas no grupo dos

[1] A guerra se prolongou pelo ataque do Japão a *Pearl Harbour* em dezembro de 1941 e, no front asiático, só terminou em setembro de 1945, data da rendição do Japão.

revolucionários teriam contribuído para a derrota deles. Da mesma forma, comparando as duas irmãs de *Family Life* eu pensava, parafraseando o título de um filme de Agnès Varda: *L'une chante, l'autre pas* (*Uma canta. A outra não*). Deve haver alguma razão para isso.

Deixemos os comentários a *Family Life* para depois. Vamos entrar agora no contexto histórico do filme.

O contexto histórico

> Em sociedades inclinadas à dinamicidade a juventude é prestigiada e requisitada para a mudança social.
>
> (Karl Mannheim)

O momento histórico em que se desenrola o filme foi marcado por uma sucessão de movimentos questionadores do *status quo* que ocorreram em vários países e produziram mudanças – por vezes bastante significativas – dos costumes. Não sou especialista no assunto, mas o conjunto desses movimentos constitui aquilo que teve o nome de Contracultura. Manifestavam uma reação à caça às bruxas do macarthismo, à guerra do Vietnam e ao autoritarismo, em geral. Teriam começado pelos livros de alguns autores americanos, chamados *beats* ou *beatniks* que se inspiravam na boemia e no existencialismo francês. Foram, notadamente, *Jack Kerouac*, que escreveu *On the road* em 1957 (traduzido com o título de *Pé na estrada*), *Alan Ginsberg* e *William Burroughs*, autor do *Banquete nu* de 1959. Outra manifestação, também nos Estados Unidos, foi o grande festival de *Rock*, *Woodstock*, que se deu de 15 a 19 de agosto de 1969 e reuniu uma grande multidão de jovens, vestidos com roupas multicoloridas, em torno da música, dos ideais "Paz e amor" e "Faça amor, não faça guerra". Eram os *hippies*, que viviam em comunidades, praticavam o amor livre, usavam drogas, especialmente as alucinógenas, para a expansão da consciência nas viagens (*trips*) boas ou más e gostavam de ouvir ou de fazer música. Do outro lado do Atlântico os *hippies* se reuniam em Amsterdam, num clube chamado Paradiso, no Movimento *Flower power*, termo criado pelo poeta *Alan Ginsberg* em 1969, sempre numa ideologia de não violência. Na Inglaterra e na França os movimentos foram menos festivos. Na Inglaterra psiquiatras e loucos conviviam em *Kinglsey Hall* numa experiência de morada conjunta. Os líderes do movimento da antipsiquiatria na Inglaterra foram os psiquiatras *Ronald Laing* e *David*

Cooper. Acreditavam que a loucura podia ser criada por fatores sociais. Um livro de *Thomas Szasz*, psiquiatra húngaro radicado nos Estados Unidos, chama-se justamente *A fabricação da loucura*. Ele acreditava que a classificação da loucura como doença seria uma visão excludente que visaria separar o louco, considerado um doente, da vida dos demais. *Laing* escreveu vários livros, criou a expressão *double bind*, que nomeia os paradoxos em que se enredam os mais frágeis. Exemplificou essas injunções paradoxais em seu livro *Knots*, traduzido com o título *Laços*, quando o mais correto seria dizer "Amarrações". Havia na época todo um debate: a escuta e a inclusão do louco seria uma romantização do discurso da loucura? Fato é que uma louca, *Mary Barnes*, residente em *Kingsley Hall*, deixou de manchar com suas fezes as paredes do local e, pela sugestão de Joe Berke, psiquiatra que cuidava dela, "Por que você não faz isso com cor?", passou a pintar, tornando-se artista plástica. Seu caminho foi relatado no livro, *Mary Barnes, uma viagem através da loucura*, escrito por ela, em colaboração com *Joseph Berke*. A experiência de *Kingsley Hall*, assim como várias outras, na Itália, na França, na Bélgica e no Brasil (aqui podemos falar, por exemplo, do trabalho da Dra. Nise da Silveira), contribuiu para um tratamento mais inclusivo e humano dos loucos. Na França os anos 60 foram marcados pelos acontecimentos de maio de 1968 em que os estudantes se rebelaram contra o autoritarismo e com o lema: "É proibido proibir" lideraram combates nas ruas e nas Universidades. *Anne Wiazemski*, na época mulher do cineasta *Jean Luc Godard*, e neta do escritor *François Mauriac*, em seu livro, *Um ano depois*, descreve de maneira muito saborosa a luta de barricadas nas ruas de Paris em 68 e sua relação com *Godard* nesse ano. Finalmente o movimento se pacificou, não sem deixar ganhos para a causa dos estudantes.

O filme *Family Life*

Lembrando que celebramos em 18 de maio o dia nacional da Luta antimanicomial

"Eles estão jogando o jogo deles.
Eles estão jogando de não jogar um jogo.
Se eu lhes mostrar que os vejo tal qual eles estão,
Quebrarei as regras do seu jogo
e receberei sua punição.
O que eu devo, pois, é jogar o jogo deles,
o jogo de não ver o jogo que eles jogam."

"... temos que ajudá-lo a aperceber-se
de que o fato de não se aperceber
de que há com ele algo de errado
é uma dessas coisas
que nele andam erradas."

(Ronald Laing, *Laços*)

Essas quadrinhas-paradoxos formuladas por *Laing* nos fornecem um bom prólogo para, finalmente, chegar à análise de *Vida em Família*. Nesse filme acompanhamos a trajetória de *Janice*, jovem que mora com seus pais, extremamente rígidos e culpabilizadores, em Londres. A cena em que fica sentada na plataforma do metrô e é recolhida pela polícia, mostra que a sociedade local também é bastante rígida sob ares protetores. O mesmo não se daria em Paris, por exemplo, onde é possível encontrarmos pessoas diversas nas ruas e nas dependências dos metrôs. Sua mãe é extremamente crítica quanto aos costumes dos jovens e dos tempos modernos e expressa suas concepções retrógradas e severas a todos que a rodeiam, inclusive a autoridades, numa onipotência sem autocrítica. A gravidez da filha e a decisão sobre fazer ou não um aborto, iniciam o drama e dão origem ao primeiro paradoxo e à primeira manifestação de "alienação". Explico: embora a mãe não goste nem de ouvir a palavra aborto, que foi pronunciada por seu marido, mas fere seus sentimentos cristãos, é ela quem leva sua filha ao hospital para abortar. A moça diz que não quer matar seu filho. A mãe responde dizendo que a filha é parte dela e que é ela quem sabe o que é melhor para *Janice.* É a isso que vou chamar de alienação, isto é, a tentativa de invasão do pensamento/sentimento do outro com a certeza de que o seu próprio pensamento/sentimento reflete melhor o pensamento/sentimento do outro. Essa alienação fica muito clara no grupo terapêutico, onde diversas moças comparam o que dizem as mães sobre o que elas supostamente pensam e sentem e como isso é vivido como um corpo estranho dentro delas, na medida em que difere, por vezes diametralmente, do que elas de fato pensam e sentem. Na família de *Janice*, em caso de conflito, de resistência por parte da jovem, a doença é convocada e a solução deverá ser dada por um médico. Mas até a autoridade do médico pode ser posta em questão, se ele não se conforma à ideia da família de um tratamento medicamentoso com calmantes e tranquilizantes. Ao longo do filme essa sequência se repete. *Janice* é "curada", retoma um trabalho mecânico que não tem nada a ver com o seu desejo de ser cabelereira; volta a se insurgir, os pais tornam a rebaixá-la com adjetivos sempre muito negativos que se dirigem ao seu ser e não a um estado momen-

tâneo; diante disso, ela parece se sentir indefesa e condenada. Sua mãe é mais ativa nesse massacre, mas o pai também fica exasperado e toma o partido de sua mulher. Com o fim da experiência de Comunidade terapêutica no Hospital, *Janice* recebe o diagnóstico de esquizofrenia, é submetida ao tratamento medicamentoso, almejado por sua mãe, que recebe do psiquiatra a promessa de cura. O filme vai se encaminhando para o fim. Há um jantar de família e descobrimos que *Janice* tem uma irmã mais velha que tem filhas e conseguiu sair do ambiente tóxico de sua família. A irmã diz que veio para buscar sua irmã mais moça, mas esta não tem força para acompanhá-la. Num momento de liberação à opressão dos pais, *Janice* e *Jimmy* pintam os arbustos do jardim de azul. Nova internação. *Janice* passeia com outro interno. Tem uma reação violenta à fala, aparentemente doce, mas punitiva, de uma freira do hospital. Os pais vão visitá-la e mais uma vez a criticam. Ela foge com *Jimmy*. A mãe culpa o hospital por negligência. *Janice* sente que suas parcas forças a abandonam e diz a *Jimmy* o mal que lhe faz a medicação e que tem a impressão de que, se for internada mais uma vez, nunca mais sairá. Nesse momento chega o aparato do hospital, comandado pelo médico, para recuperá-la. Na última cena do filme, *Janice* é apresentada para um anfiteatro de estudantes como se fosse apenas uma pilha de sintomas em uma embalagem muda, de aparência humana.

Corte

Início dos anos 60, Manicômio Judiciário, Rio de Janeiro. Uma turma do curso de Formação de psicólogos da PUC lá está para uma aula prática de psicopatologia. O "doente" é apresentado. Fala espontaneamente algumas coisas, diz entre elas: "Vocês sabem aquela página em branco no fim de cada capítulo de um livro? Ela está lá para que pensemos naquilo que acabamos de ler". Ainda assimilávamos o que tínhamos ouvido, quando o psiquiatra interveio para enumerar a pilha de sintomas que, segundo ele, representaria aquele homem. Confusão. Sentimento de incongruência. Talvez aí a semente para a escuta psicanalítica.

Voltando

Sim, a psicanálise. Embora sedutora, a hipótese de uma causação puramente social e tardia da psicose, ela se choca com a psicanálise. Mas, e o Presidente

Schreber? Um Juiz da Suprema Corte que abre tardiamente um delírio? Sim, mas há fatores predisponentes e fatores desencadeantes. Para entender *Schreber* é preciso conhecer os aparelhos onde era colocado para estudar, que imobilizavam completamente a criança. E podemos apenas imaginar ao que ele se refere quando fala, em seu livro, de "assassinato de alma". Seria certamente algo de bem semelhante ao que teria sofrido *Janice*. O filme á uma exemplificação perfeita dos laços/amarrações de *Laing*. O que fazer quando as autoridades mais próximas falam por paradoxos, exigem impossibilidades, apoderam-se de forma alienante de seu próprio pensamento/sentimento? Mas o filme oferece também a possibilidade de comparação entre as duas irmãs. Tiveram os "mesmos" (nunca são exatamente os mesmos, as interações não são iguais) pais. Mas uma irmã mais forte, mais autoconfiante, mais ativa, pode sair da casa e do ambiente familiar e fundar sua própria família o que é, na família apresentada pelo filme, um grande passo. *Janice* se enredou no discurso alienante da mãe ou, como diz Drummond em sua licença poética, perdida já estava antes de haver nascido. Sim. É nos primórdios que se desenham nossas possibilidades, nossos limites. Uma filha não desejada, a abortar, não fosse a inspiração cristã da mãe? Ou, quem sabe, como diz *Piera Aulagnier*, uma série de maus encontros entre um bebê particularmente sensível e uma mãe abusiva, violenta? Isso dificultaria ou até poderia impossibilitar o revestimento narcísico do bebê, por um tempo Sua Majestade, para, só depois, poder renunciar a essa posição nos movimentos de separação que possibilitam que inicie o seu caminho solo. Mas que necessitará, sempre, do reconhecimento dos demais, como diz, sabiamente o psiquiatra que coordena o Grupo terapêutico. Então, não há dúvida de que uma família como a apresentada no filme produz reações em seus descendentes. Mas essas reações, segundo a psicanálise, dependem de interações precoces e que vão se confirmando no curso dos encontros. Para sua mãe *Janice* era perfeita quando era criança e seu quarto tão arrumado que parecia que **ninguém** vivia lá. Nessa mania de ordem, sua filha se assemelharia a ela, era perfeita, sabia e sobretudo obedecia aos valores que eram importantes (entendamos de modo literal a maneira pela qual a mãe se expressa). Assim, a menina teria que ficar sempre colada, alienada à mãe e o processo seguinte, de separação, estaria interditado para ela. Além disso, *Janice* era criança, podia brincar com seu pai porque ainda não tinha entrado no universo feio e proibido da sexualidade. A mãe projeta na filha sua "repressão" sexual. Por um lado, impede que permaneça com uma ligação forte com o pai, desde que se torna púbere. Por outro, quando percebe que *Janice* tem relações sexuais, projeta nela seu conflito com

a sexualidade e diz que ela vive com pessoas horríveis, deixando implícito que é porque ela faz coisas horríveis com essas pessoas. Seu pai confirma isso, quando diz ao psiquiatra que a mulher tinha dificuldades com a nudez dele, mesmo no banho, e que se interpunha entre ele e a filha. Enfim, assistimos a um filme extremamente tocante, bem-feito, bem representado, que exemplifica uma tese da antipsiquiatria segundo a qual a loucura seria socialmente criada. De fato, há um ambiente repressivo geral, na família, na cidade, nas relações e tratamentos no hospital, com uma leve esperança na relação entre os jovens e nas possibilidades das Comunidades terapêuticas. Mas o seu fim é pessimista, votado à perda, citando mais uma vez o poeta. *Janice* termina como um objeto de exposição. Sua única reação é a mudez. Retirou-se de cena. Obedece finalmente à mãe: **Ninguém** parece estar lá.

Maio de 2023

Regina Landim
rhlandim1929@gmail.com
Rio de Janeiro - RJ - Brasil

O Insulto

Anna Elisa Penalber[*]

Mas se toda a Justiça começa com um discurso,
Nem todo discurso é justo.

(Jacques Derrida)

Toni assiste atento ao comício. Quem fala é o presidente do Partido Cristão Libanês.

"*O Partido é como a Bíblia... na Bíblia temos o Velho Testamento e o Novo Testamento. No passado dizíamos que o Partido apenas protegia Beirute. E hoje? O Partido sustenta o Estado!*"

Ele retorna para casa tomado de entusiasmo por tudo que ouviu naquele dia e cantando um hino. Está completamente tomado pela música e as ideias que ouviu e compartilhou com os demais companheiros de Partido. Pertencimento, confiança e idealização tomam Toni, que mantém uma foto do Presidente do Partido Cristão no quarto da filha que está por nascer.

Assim, como muitas vezes somos parasitados por uma música, Toni está com as palavras de seu líder ecoando em sua cabeça.

Como nos primeiros encontros psicanalíticos, todos os principais elementos estão dados nas primeiras cenas. Todos os ingredientes que vão levar e alimentar o conflito já estão ali: o Partido, a filha que está a caminho, o desejo de sua mulher de ir morar em sua cidade natal – Damour, que ele recusa de maneira contundente.

Eis que se depara com um palestino em sua porta, querendo entrar e consertar sua calha. Recusa permitir sua entrada, destrói o conserto feito da rua

[*] Membro psicanalista da Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro (SPCRJ) e psiquiatra.

para que a água jogada de sua varanda não molhasse os transeuntes – no caso, o grupo de trabalhadores contratados pela prefeitura. A teimosia e a irracionalidade de suas atitudes são tais, que o palestino e o capataz do grupo de trabalhadores perdem a cabeça e xingam: "*Babaca do caralho*". Esse insulto faz Toni perder a cabeça, ficando tomado de um ódio e indignação completamente desproporcionais à situação.

Carolin Emcke em seu livro *Contra o Ódio* (2016) constata que aqueles que odeiam são muito seguros e eles têm que ser desse jeito porque, do contrário, não falariam ou agrediriam de forma tão intensa e violenta. Nas palavras da autora: "*não se pode odiar duvidando do ódio*", os que odeiam, "não poderiam estar tão perturbados se duvidassem" (EMCKE, 2016). Qualquer sombra de dúvida suga a energia que está sendo canalizada para objeto de tão irracional e intensa reação.

Toni exige que o capataz, mais precisamente, o palestino, se desculpe. Não aceita as ponderações e reflexões de sua mulher ou do dono da empresa contratada pela prefeitura. Apenas uma desculpa formal do objeto de sua imensa indignação poderia pôr ponto final em tanto ódio. O apelo ao bom senso e a situação agressiva e sem razão – sua varanda era ilegal e estava com a calha vazando, não o demoviam. Tudo só alimentava sua irracionalidade.

É na oficina de Toni que esse importante personagem que é a televisão, surge pela primeira vez. Aqui, é o candidato à presidência pelo Partido Cristão Libanês quem fala:

> *Os palestinos tornaram-se desprezados em toda parte. Eles que encontrem outra terra para viver, mas não o Líbano. Eles que estabeleçam seu próprio Estado, que eles se governem, que se espalhem por todo o mundo árabe. Eles podem se unir à Jordânia, podem fugir para o Irã, desde que não fiquem aqui.*

Quando finalmente o chefe convence Yasser (o palestino) a pedir desculpas – pelo futuro da empresa e para garantir seu emprego, mais uma vez é a televisão quem está gritando na oficina:

"*Em nome do povo de Tarshish e Aintoura, o povo de Damour, de Asherah*....", grita o candidato à presidência do partido de Toni.

"Para que eles não acabem como o refugiado palestino, vagando pelo mundo, arruinando tudo em seu caminho, bebendo de nossos poços e depois cuspindo neles...", escutam todos os presentes.

Mas, o discurso continua: "Por que precisamos da resistência libanesa e do Partido Cristão? Por que várias casualidades todos os dias? Por que estamos sendo forçados a colocar ordem na casa? E colocar um ponto final no abuso? Por que dois terços do país ainda estão ocupados. Dois terços de nossos aldeãos agora são refugiados".

Tal discurso só colocou Yasser na defensiva e Toni mais desconfiado e agressivo. Diante do silêncio daquele que julga tê-lo insultado, descarrega toda sua agressividade:

"Vocês são uns babacas inúteis. Caso contrário, você teria se desculpado. Isso explica sua reputação ruim. Como dizem os judeus: palestinos nunca perdem a chance de perder a chance". Mas quando percebe que seu oponente está se retirando sem nada dizer, completa sua agressão: "Queria que Ariel Sharon tivesse exterminado vocês".

Yasser volta e desfere um soco em Toni, lhe quebrando uma ou duas costelas.

O que quero sinalizar é que todo o filme é um contínuo discurso radical, instando constantemente à violência e à intolerância que vão tornando o conflito entre os dois personagens cada vez mais profundo, reabrindo e aprofundando feridas mal cicatrizadas. Obrigando a posições fixadas e à permanência da surdez que não permite que nenhum deles perceba no palestino ou cristão libanês – um ser humano como ele próprio.

Voltando à companhia de Emcke, que nos diz que "o odiado é impreciso". Porque com a precisão viriam a delicadeza, o olhar atento, a escuta. É a precisão – termo escolhido pela autora, que traz a possibilidade de se discernir a pessoa singular com suas qualidades e contradições, como todo ser humano. Mas se os contornos vão se apagando, tornando o outro irreconhecível como semelhante, ficam apenas conjuntos: as mulheres, os negros, os refugiados, os políticos, os mulçumanos e outros que podem e devem ser odiados, difamados, desvalorizados, xingados e enxotados. Carolin afirma que "*o outro é aquele a quem alguém pode denunciar ou desprezar, ferir ou matar impunemente*" (EMCKE, 2016).

Yasser é palestino, morando em um campo de refugiados nas imediações de Beirute. Nasceu na Palestina em 1955, mas há muito não possui país e lugar que o acolha e reconheça em sua dignidade e necessidades. Trabalha ilegalmente para a empresa que faz os reparos na cidade e é reconhecido pela qualidade de seu trabalho. Mas, ao responder com um "babaca do caralho" às atitudes hostis de Toni, se vê frente a pressões para engolir mais um sapo, mais uma situação de humilhação e desrespeito. Afinal, só estava trabalhando.

"Devo me curvar?", questiona.

"Não sou servo de ninguém", afirma, procurando defender sua dignidade.

"Somos os negros do mundo árabe", confirmando o preconceito e o descaso com a sua situação e de seus compatriotas.

Está acuado, humilhado, cansado. Até tenta ceder. Se desculpar, mesmo tendo que engolir o que sobrou de seu amor-próprio. Mas as terríveis palavras de Toni, desencadeiam o soco. Os que sofrem o ódio na pele, são expostos todos os dias e em qualquer lugar, a termos carregados de uma história de abuso e desprezo, a mensagens de agressão ou ameaça de morte, a poucos direitos e difamação de seus corpos e costumes. Para Carolin Emcke, "todos aqueles que são objeto de ódio, não podem e não querem se acostumar a isso" (*Id., ibid.*).

Mais que teimosia, é a impossibilidade de admitir e falar aquilo que o atormentava – o massacre de Damour, ocorrido em sua infância e a fuga pelos trilhos no colo de seus pais, que leva à insônia e a não respeitar seu corpo ainda convalescente. Assim, Toni acorda no hospital para constatar o parto prematuro de sua mulher – que o encontrou caído na oficina – e a luta de sua filha na incubadora para viver.

A partir desse momento, todo o entorno contribui para o acirramento da situação, que vai caminhando para além do conflito entre esses dois homens. Podemos pensar que nunca foi apenas um insulto, apenas duas pessoas em conflito. Desde sempre, ali estavam as forças políticas e econômicas que há muito promovem guerras e massacres em nome do Estado, da Religião ou dos Costumes, pouco se importando com as consequências para aqueles que tentam tocar suas vidas: cuidar de sua família, realizar alguns projetos que sonhou, relaxar e aproveitar momentos de lazer.

Os dois advogados instam seus clientes a aprofundarem o conflito no tribunal: eram inadmissíveis o insulto proferido por Yasser e o soco que deu em um cristão libanês; assim como não era possível um palestino não ser reconhecidos em seus direitos, mesmo que fosse um refugiado. A mídia, o Partido, os que lutavam pela causa palestina levaram a questão para fora do muro do tribunal, o que acarretou conflitos violentos nas ruas.

"Hoje, odeia-se de forma aberta, escancarada e sem escrúpulos", alerta Carolin (2016). O discurso público se brutalizou e a desmedida impera. A expectativa de uma conversa não mais é possível, uma vez que coexistir tornou-se quase impossível já que o respeito aos outros foi substituído por ofensas e preconceito.

"Não há nenhum ganho civilizatório" – como afirma a autora – em gritos, baixaria e ressentimentos. Definitivamente não podemos normalizar tal situação.

A contenda entre Toni e Yasser não se devia apenas a um ódio individual e fortuito. Não se tratava de um sentimento vago que explode de maneira acidental. Tal situação se deve a um "*ódio formado coletiva e ideologicamente*", segundo o diagnóstico de Emcke. Carolin prossegue afirmando que "os termos empregados, as cadeias de associações e as imagens que permitem conceber e classificar..." estão dados. "O ódio não brota repentinamente do nada, ele é cultivado".

Essa dinâmica de uma rejeição cada vez mais exacerbada contra outras crenças, outras aparências, outras formas de amar, prejudica a todos. O ódio nos aterroriza, intimidando a todos que – sem saber como lidar com o terror e os berros, ficamos paralisados e sem palavras. Segundo a autora que me acompanha nestas reflexões, um dos efeitos do ódio é transtornar todos expostos a ele, desorientados e sem confiança.

O que Carolin Emcke nos ensina, é que o ódio só pode ser combatido com "a observação cuidadosa, diferenciações contínuas e dúvidas sobre si mesmo". Para ela, é preciso "sair para fora de si e avançar em direção aos outros para, com eles, reabrir juntos os espaços sociais e públicos".

Se ambos os personagens são homens forjados no horror de guerras e conflitos violentos, orgulhosos e teimosos em suas convicções e pontos de vista, é o respeito à ética que os guia que vai construindo a ponte que possibilita o desfecho em que ambos se sentem atendidos. Acima de tudo, é no segundo julgamento que ofendido e ofensor passam a se ver como pessoas singulares com suas histórias e dores: a tragédia dos palestinos e os massacres nas aldeias de cristãos libaneses durante a guerra civil, agora são encarnados por aquele que está diante de si.

Forçados ao convívio pela rotina do julgamento e suas consequências, Toni e Yasser vão escutando e sendo afetados pela história daquele que até então era um palestino desqualificado e o outro um libanês cristão privilegiado.

O que na essência cada qual almejava, foi gradativamente ocorrendo no tribunal: que sua história fosse ouvida, que sua dor e perdas fossem acolhidas e respeitadas. Foi essa a condição para que o veredicto fosse acatado, pois a juíza mostrou imensa sabedoria e sensibilidade em relação a cada personagem desse conflito, mas decidiu baseada na questão que os levou até ali.

Estes homens não se tornam amigos e isso dificilmente seria plausível. Mas passaram a se respeitar como pessoas que buscam superar os absurdos de um mundo em que são apenas danos colaterais de uma guerra, de lutas e disputas que atendem somente à ganância e ao poder.

> (...) determinadas manifestações de ódio são responsabilidade da promotoria e da polícia, mas as formas de discriminação e delimitação, as pequenas e implacáveis estratégias de exclusão que se manifestam em gestos e hábitos, em certas práticas e convicções, são responsabilidade de toda a sociedade (EMCKE, 2016).

Agosto de 2024

Anna Elisa Penalber
annaepen1.ae@gmail.com
Rio de Janeiro - RJ - Brasil

Observações sobre *O Insulto*

*Luis Claudio Figueiredo**

O instigante filme libanês *O Insulto* de Ziad Doueiri nos evocou algumas considerações que tentaremos formular brevemente no que se segue.

O contexto histórico, sociológico e psicossocial em que se desenrola o enredo é o da complexa e conturbada realidade do Oriente Médio concentrada em um pequeno país, cercado de inimigos belicosos e infiltrado por forças que o tensionam e desestabilizam, o Líbano. É aí que cristãos e muçulmanos de diferentes etnias e procedências se encontram em um estado permanente de convivência tensa, de hostilidade latente e sempre a ponto de degenerar em conflitos e guerras, massacres, ataques, atentado, formas múltiplas de inimizade e desejos de destruição expressos em discursos de várias facções, partidos políticos etc. Os ressentimentos étnicos estão historicamente alojados nas mentes de todos; todos têm queixas e acusações contra todos, e todos, de alguma forma, têm razão para alimentar o ódio cozinhado em fogo brando, mas prestes a esquentar por quase qualquer motivo.

Nesse clima de preconceitos e "justas" reclamações recíprocas, quis o destino que se encontrassem casualmente um refugiado palestino (Yasser) e um libanês cristão (Toni). O que poderia se tornar um incidente pequeno e irrelevante na vida dos dois, transforma-se em um acontecimento político quando Toni, o libanês, reclama com maus modos de uma operação ligeiramente desastrada de construção civil conduzida pelo palestino, que realiza esse trabalho legal, mas de forma clandestina – como refugiado não podia estar contratado para isso – e Yasser, o palestino, reage com um xingamento. O outro se sente mortalmente ferido em sua honra e dignidade e converte o insulto em um caso

* Psicanalista. Membro Efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro (CPRJ). Professor aposentado da Universidade de São Paulo (USP). Professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

de vastas proporções nacionais e políticas. Um escritório de advogados o convence a levar aos tribunais um pedido de indenização moral.

É esse Insulto e seus desdobramentos judiciais e políticos que conduzem o drama que envolve estes dois pobres miseráveis: o palestino vive em um campo de refugiados e é proibido de trabalhar e exercer sua profissão de engenheiro (trabalha clandestinamente como mestre de obras) e o libanês é um mecânico de automóveis relativamente pobre. O pedido de indenização moral se transforma em um caso de interesse nacional e mesmo internacional já que envolve todos os habitantes dessa conturbada região. A coisa vira um caso de polícia e um caso de processo e julgamento de grande repercussão em que o cristão libanês exige de forma intransigente ao palestino...um pedido de desculpas (!).

Nossas considerações seguirão na direção de pensar nas possíveis respostas a algumas questões: dada a realidade histórica e sociológica do contexto acima referido, a solução pode ser um pedido de desculpas? A exigência de o insultado receber um pedido de desculpas do ofensor poderia ser resolvida em um tribunal? Pensamos que para as duas questões, a resposta é "não".

As injúrias raciais exigem pedidos de desculpas?

Considerando que o suposto insulto imperdoável do palestino apenas atualizava a afronta que o mecânico libanês havia sofrido quando sua cidade natal e sua família foram massacradas por milícias muçulmanas e palestinas – acontecimento a que nós espectadores só temos acesso quando o filme se aproxima do final – a aparente irracionalidade da exigência de desculpas tanto se torna mais compreensível quanto mais absurda. Há certamente uma injúria gravíssima a ser reconhecida. Mas nenhum pedido de desculpas pelo xingamento do operário palestino poderia estar à altura do que foi sofrido pelos habitantes de Damour, entre os quais o mecânico libanês quando criança.

Em acréscimo, há que pensar: será que as injúrias raciais históricas comportam julgamentos, condenações ou absolvições? O que um tribunal – supondo que exista um tribunal completamente isento e fora da História – pode fazer, além, talvez, de uma vaga condenação de "crimes contra a humanidade", o que evidentemente, não poderia ser o caso de um xingamento feito por um pobre operário clandestino contra um libanês mal-humorado e ressentido? Nem as grandes afrontas, e muito menos os pequenos insultos que atualizam e representam os grandes crimes, poderão ser objeto de um julgamento. Quem começou tudo, quando tudo foi iniciado nessa história em que a violência e as reações violentas às violências sofridas e cometidas se perpetuam e repetem? Sabemos desde Hanna Arendt em 1958 (ARENDT, 2010) que apenas o perdão poderia interromper essa história para começar outra.

É preciso efetivamente encontrar outras vias para a superação das injúrias, dos ressentimentos e desejos de vingança: a compaixão compartilhada e os perdões recíprocos, ainda que não haja espaço e oportunidade para compaixões explícitas e perdões pedidos e concedidos nesse filme.

À medida que vamos entrando em contato com a miséria palestina dos refugiados – e os palestinos são os "negros" do mundo árabe, como se fica sabendo no filme – e à medida que vamos conhecendo a história do massacre de Damour – e dos libaneses que lá viviam e agora vivem como "exilados" na capital do Líbano – nosso coração e nosso entendimento vão se abrindo para a compaixão e para o perdão (cf. FIGUEIREDO, 2024).

Passamos então a entender quando, em plena luta judiciária que quase se transforma em guerra civil, o mecânico libanês, sem dizer palavra, se oferece para dar a partida no carro enguiçado do palestino. Entendemos, e nos aliviamos, quando ao final do julgamento que – como era de esperar – não deu em nada, os dois oponentes trocam olhares de mútua compreensão e solidariedade já na saída do tribunal.

Não se trata de um acordo extrajudicial, conveniente para as duas partes. Uma possível superação não se dá nem dentro nem nas imediações dos trâmites jurídicos. As duas cenas acima mencionadas ocorrem fora do tribunal e longe dos advogados e dos olhares da mídia. São eles como pessoas físicas que se olham e se reconhecem em suas humanidades. Trata-se do reconhecimento de que *todos são (somos) vítimas e todos carregam (carregamos) culpas*, todos estão (estamos) de alguma forma comprometidos com atos imperdoáveis, ainda que cometidos por outros da sua (nossa) aldeia, da sua (nossa) gente ou da sua (nossa) "raça".

Essa seria a base possível para alguma paz: profunda compaixão e profundo e autêntico reconhecimento das injúrias e dos danos cometidos, sofridos e compartilhados – e como no filme são importantes os momentos de agressão, de insultos graves que se fazem e de murros que os dois personagens trocam! A agressividade e a vulnerabilidade são deles, são nossas, são universais.

Se alguma paz ainda é possível naquele mundo, ou melhor, nesse nosso mundo, dependerá da capacidade de perdoar e se perdoar desses sujeitos e desses povos. Só assim poderia se interromper o ciclo das injúrias, dos ressentimentos e dos desejos de vingança e compensação.

Mas um desenlace assim, vamos admitir, é improvável que possa acontecer, como é improvável uma dupla de advogados – pai e filha judeus – como aqueles extraordinários personagens do tribunal. Aliás, a figura do pai advogado mereceria uma consideração muito especial que focalizasse a sua evolução

aos nossos olhos ao longo do filme. Mas isso ultrapassa o que podemos apresentar neste momento.

O que podemos afirmar é que ele acaba sendo o grande responsável por nos mostrar o que aconteceu (o massacre de Damour) e precisa continuar acontecendo *fora do tribunal* – o mútuo reconhecimento dos sofrimentos: todos são vítimas, todos são culpados. O que os protagonistas têm em comum é o que fica absolutamente nítido ao final do filme e isso em grande parte devemos ao advogado de acusação que representa o mecânico libanês em seu exílio paradoxal, exilado em seu próprio país. Os dois, Toni e Yasser, vivem exilados, desalojados, desterritorializados. Enquanto essa condição, que é dos dois – mas não só deles – não ficar totalmente esclarecida e reconhecida, a paz entre eles não pode acontecer: o ódio a essa própria condição humilhante se transforma em ódio entre eles, em agressões recíprocas.

O filme nos dá pequenos vislumbres do que poderia acontecer se os insultos – que não podem ser esquecidos, negados, ignorados – pudessem, ainda assim, tomar outros rumos e abrir outros horizontes e destinos.

Agosto de 2024

Luis Claudio Figueiredo
lclaudio.tablet@gmail.com
São Paulo - SP - Brasil

Referências

ARENDT, H. (1958) *A condição humana*. São Paulo: Forense Universitária, 2010.

FIGUEIREDO, L. C. Perdão e saúde mental. *Cadernos de Psicanálise - CPRJ*, Rio de Janeiro, v. 46, n. 51, 2024.

Entre os muros da escola

*Katia Geluda**

MURO – Define espaços? Protege? Assegura? Distancia, afasta, segrega em guetos os guetos dos diferentes? Na História temos exemplos de muros construídos para separar, muros derrubados e muros invisíveis.

No filme *Entre os muros da escola* dirigido por Laurent Cantet, em 2008, são protagonistas professores, diretores, pais e alunos vivendo na pluralidade de ideias, visões de mundo, histórias e experiências que provocam desafios, dilemas e criam impasses nas decisões ora pertinentes, ora inconsistentes. Ainda que claudicantes, professores e alunos conseguem certo espaço de fala, desabafo, troca e reflexões.

Assistindo ao filme de 15 anos depois da produção, penso o quão pouco se evoluiu no mundo no campo da educação, a ver no que aconteceu durante e após a pandemia: despreparo para enfrentar a mudança exigida pelas aulas *online*, laços com o aprender e com o social rompidos e desorganizados.

No filme, na sala de aula da turma do 9º ano, de uma periferia de Paris, coordenada pelo professor François Marin, nos defrontamos com um professor que revela as divisões do ser humano, mostrando-se um professor aberto, sensível à diversidade de alunos, às interrogações que lhe são feitas, como o fato de só usar nomes de branquelas nas suas frases, ou aprender o imperfeito do subjuntivo, como também sua posição de não rigidez frente às particularidades de cada aluno. Assim, ora aceita que Souleymane entregue o autorretrato por meio de fotos e não escrito; ora caprichoso, como na insistência de que Khoumba peça desculpas por se opor a uma leitura oral ou ainda impulsivo e descontrolado ao chamar duas alunas de vagabundas por seus comportamentos no Conselho de Classe.

* Membro psicanalista da Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro (SPCRJ).

A pluralidade de posições se expressa também diante da discussão entre professores sobre a expulsão de Souleymane da escola: qual efetivamente o papel do debate diante de inúmeras expulsões no último ano? Há outras medidas? O que acontece depois da expulsão? A expulsão é ato da escola ou responsabilidade do próprio aluno?

Os alunos, por sua vez, são críticos com o professor e com os colegas, às vezes desrespeitosos, agressivos, revelam em suas falas a busca de aceitação e acolhimento por parte do professor. Têm humor. Souleymane iria para Guantánamo se perguntasse se o professor é homossexual. Sentem-se envergonhados, foco de olhares discriminatórios quando em festas de brancos, alérgicos ao mundo de fora, com declara Wey, mas também discriminam tanto o professor como os colegas. Os próprios alunos se sacaneiam, se expõem e se segregam. Souleymane chama Carl de macaco. A imagem de si é depreciada, quando se julgam com vidas desinteressantes para serem descritas. Questionam o pertencimento aos seus grupos de origem, como por exemplo sentirem-se africanos ou antilhanos.

A cena final é impactante. Há momento de foco na imagem da aluna que durante o filme todo não emite uma fala, mostrando-se desesperançosa ao se despedir de François: declara que não entendeu nem aprendeu nada, não deseja ir para o curso profissionalizante que deve ser o caminho de vários ou da maioria. O silêncio desta aluna não captura a atenção de ninguém. Muitas vezes, é no grito ou no ato que o sujeito pode emergir e ser olhado, mesmo que muitas vezes, com um olhar turvo.

No encontro com pais, uns são mais ativos, outros mais passivos, como a mãe de Souleymane que apesar de não entender o francês, passivamente, assina a caderneta do filho pois não sabe ler. Uns reconhecem os problemas dos filhos, outros reconhecem a travessia da adolescência e as crises possíveis, expressam contentamento e descontentamento com o desempenho escolar dos filhos, satisfação e insatisfação em relação às expectativas quanto ao papel da escola, e discriminam um bom filho de um mau aluno.

O que percebemos mutas vezes no filme? Muitos muros, poucas pontes.

Em cena, a sociedade e a cultura; educadores, pais e adolescentes.

Pensando A CULTURA, vivemos há algumas décadas – especialmente desde o final do século XX – mudanças ultravelozes e, por vezes, radicais; comportamentos, ideias e informações se transformam e rapidamente se tornam obsoletos, como as organizações familiares, a instituição-escola, questões ligadas ao gênero, às escolhas de objetos amorosos e os de consumo. Tecnologia e Ciência, mercado de consumo nas sociedades capitalistas em muito contri-

buem para este movimento – para o bem e para o mal. Os desníveis de conquistas e possibilidades dentro de cada povo e entre povos provocam segregação, ódio e violência. São muros de ódio. A destrutividade inerente ao humano precisa ser reprimida e a esta se renuncia como atos de defesa civilizatória. Parece que algo se rompeu no elo civilizatório que necessita ser reparado. Temos falhado como Sociedade.

Estamos todos imersos neste caldo fervente. Nós analistas, professores, pais, alunos e, muitas vezes, atônitos, não sabemos o que fazer, como responder às novas demandas.

Pensando em FILHOS E ALUNOS da contemporaneidade, estes vivem um tempo acelerado marcado por esta cultura do consumo e da violência e sofrem o efeito de um tempo em que pais não permitem que seus filhos inaugurem um tempo de espera e vazio, fundamentais para lidarem com frustrações, perdas e impossibilidades.

A violência pode ser uma resposta, quando confrontados com a castração. Estamos diante de gerações com dificuldade de renúncia ao prazer. O futuro já tão difícil de ser antecipado é extremante incerto. O contexto do mercado de trabalho e de realizações não é promissor. principalmente entre os jovens de classes socioeconômicas mais desfavorecidas, o que pode levar a diferentes atuações, como a violência dirigida ao mundo ou contra si mesmo.

Adolescentes na busca de independência, separação, nova identidade procuram a pertinência a um grupo ou a vários. As referências simbólicas horizontais se fortalecem em meio à queda do lugar de exceção e alteridade dos adultos, hoje, mais do que nunca. Observamos o desrespeito, muitas vezes, sem freio, dirigido ao professor François. Vacila a transmissão pelos adultos da transmissão da lei, do desejo e dos interditos. Mesmo as referências simbólicas horizontais podem se perder quando são exigidas igualdades cada vez mais particulares dentro dos grupos, evocando a não aceitação à diferença. No filme, estamos diante de uma maioria de alunos imigrantes ou filhos de refugiados que sofrem segregação de todos os lados. A escola torna-se o palco para uma encenação e mostração onde apelam por ser escutados, para expressar o que os aflige e os angustia, até porque os outros atores muitas vezes não sabem como se posicionar.

A turma agitada mostra na agitação do corpo a força pulsional que irrompe e não sabem bem o que fazer com ela e como se posicionar na relação com o outro parceiro sexual.

Professores e pais se encontram hesitantes, tensionados, angustiados e horrorizados. Muitas dúvidas. Cumprir a função pedagógica de professor é e está extremamente complexo, assim como discernir e aceitar o que é sintomá-

tico como uma invenção possível a se mostrar e o que é inaceitável por ser da ordem do gozo não barrado. François tenta fazer esta discriminação. Enquanto a educação carrega as marcas do dilema entre o indivíduo que renuncia e a civilização, não há como elidir o caráter conflituoso à condição humana, sem solução ideal em diferentes ocasiões. Numa posição de impasse e perplexidade, expressam que não foram formados para lidar com a desordem pulsional, com a violência e falta de interesse e se perguntam até onde devem ir nas escutas. Um professor transtornado declara que seus alunos parecem estar no cio, mas não são animais.

Devemos tomar a escola como um sujeito que pode apresentar sintomas e enfrentar dificuldades que são refratárias às soluções normativas. A escola é um lugar privilegiado de convivência, socialização onde o laço com o semelhante pode ser decisivo para inclusão e cooperação, promovendo mudanças nos alunos. Um espaço simbólico e sua institucionalidade atravessa as relações entre todos que nela circulam. Portanto, não é só a técnica e a instrução que nela deve ser pensada, mas a interação que nela se efetiva, não como fator complementar, mas sim, como fator constituinte.

Por outro lado, a exclusão também se presentifica e pode ter efeitos disruptivos de agressividade, violência e ódio que ora são recalcados, mas não cessam de existir, ora se manifestam em atos, como vimos no filme e temos visto no Brasil nos ataques às escolas e creches.

Quando um grupo se fecha, é tomado por um TODO através de uma identidade, uma característica, um traço que condiciona esse fechamento e sua suposta consistência e formas fixas. Ao mesmo tempo, definem o que será um ponto externo a ele. Só identidades não bastam. Carregam a ideia de universalização e unificação. A exclusão e a segregação seguem esta lógica. Nas identidades não há lugar para identificações lábeis e móveis, isto é, para as diferenciações que surgem e permitem que haja pontes entre os grupos. A identificação é marca do suportar a angústia diante da falta e ausência do que se tem ao se confrontar com o outro e sair da posição "ou eu ou o outro". Esse semelhante com sua pequena diferença permite ao sujeito saber de si, lidar com sua estranheza familiar. Pode encontrar sua própria posição sem sentir seu narcisismo ameaçado. Grupos e fraternidade se tornam possíveis pela diferença.

Na dimensão estrutural do sujeito, o Eu tende a expulsar e negar o que é estrangeiro e desprazeroso. Opõe-se à união que é erótica e correlata à inclusão. A heterogeneidade como tensão básica e estruturante é mal-encarada. As pequenas diferenças e os agrupamentos não redundam em igualdade entre os

integrantes de um grupo, apesar da unidade, assim como a universalização e globalização não promovem condições equalitárias das relações entre os homens. Na contracorrente, erigem-se então, segundo Angélica Bastos (2022, p. 162) "barreiras e muros, reforçam-se fronteiras que não apenas os mantêm segregados à distância ou em campos de refugiados, mas se infiltram de modo capilarizado entre os cidadãos consumidores e os que não acedem ao mercado de trabalho". Alia-se a segregação estrutural à segregação social.

Vemos no filme e em muitos relatos de escolas que quando um é excluído, este se une a outros excluídos e criam uma nova identidade com referências imaginárias e não simbólicas. Wey e colega, dupla oriental, sempre estão sentados lado a lado, os negros africanos também formam um grupo à parte.

Quando colega critica Souleymane por não assistir à Copa da África, parece se dar conta do que ocorre na hipermodernidade. O UM do coletivo no singular, supostamente unificador se tornou coletivos, no plural com o risco de termos vários UNS se opondo e mesmo se rivalizando.

É o narcisismo das pequenas diferenças que Freud (1914/1986) já alertava que era o que havia de mais mortífero nos laços sociais, culminando na segregação e mesmo no extermínio. Lidar com a diferença pela via da discriminação estipula uma escala de posições de acordo com hierarquias e isola. Exclui o diferente a partir de um traço distintivo à medida que agrupa, sob o signo do mesmo ou do comum, o "nós", e afasta o "eles". Neste narcisismo vigora a ideia de uniformidade e de sujeição, denominado por Lacan de "terror conformista". No filme, o retrato da segregação social pela cor, pela origem como imigrantes ou refugiados e qualquer outro comportamento se infiltra entre os próprios alunos. Na pilhagem, extravasam os preconceitos através da hostilidade e do estranhamento.

Ainda neste texto, Freud (1914/1986) aborda a ideia de "Sua majestade, o bebê", nos remete à posição de um eu ideal em que a criança é colocada pelos pais para atender às demandas narcísicas que se articulam ao simbólico destes. Se este investimento é constituinte para o infante, também corre o risco de ele ser engolfado por uma intolerância dos pais que não aceitam que ele siga seu próprio caminho, admitindo o *gap* entre suas fantasias e o filho real que ali se encontra. O mesmo pode se dar com o professor. Não só motivações conscientes sustentam sua escolha profissional, mas também fantasias inconscientes que pesarão em suas investiduras desejantes e em sua relação com os alunos. Carregam a ideia de que o aluno deve realizar as expectativas que construiu em relação a si mesmo de ser um bom professor como uma maneira de mensurar seu valor. Esta orientação idealizadora de querer fazer bem-feito corre o risco

de promover o aparecimento do medo no aluno se não entender, se não acertar, se não responder certo, o que pode acabar por paralisá-lo.

Se o professor sai de seu fechamento narcísico, permite que o aluno rompa com sua própria bolha narcísica, podendo se entregar à alteridade, se articular ao saber de um Outro tomado como Ideal de Eu e entrar na cultura, na vida pública. O professor deve pensar na possibilidade de ser tomado como Ideal de Eu.

Sabemos que os referenciais simbólicos de nossa sociedade se enfraqueceram e nos deparamos com jovens na contemporaneidade afetados pela fragilidade da posição de alteridade, assim também dos professores como representantes da lei.

Freud, em *Introdução e conclusão de um debate sobre o suicídio,* (1910/1986) adverte que a escola falha na sua função de referência simbólica. Falha porque não só deixa de impelir os jovens ao suicídio, mas de servir como anteparo e apoio na passagem pela adolescência, o que implica um fracasso institucional na relevante missão de despertar interesse pela vida social, de pensar e querer saber e pelo desejo de viver a vida. É a função de enlace social da escola. A escola falha porque educadores não estão inclinados a aceitar críticas.

O autor ratifica o sensível lugar do professor quando, no texto comemorativo dos 50 anos da escola onde estudou dos 9 aos 17 anos, declara o valor da personalidade de seus mestres, a qual pode encorajar ou deter muitos de seus alunos. Percebia que seus mestres tanto provocavam oposição enérgica como submissão, quanto eram frágeis, mas os alunos se orgulhavam de suas excelências, de seus conhecimentos e de seu senso de justiça. O desejo do professor e sua animação em transmitir seu saber podem contagiar seus alunos. No prefácio do livro *Juventude desorientada*, de August Aichhorn, (FREUD, 1925/1986), discute a formação teórica do professor assim como sua análise, mas conclui que quanto mais se compreende a criança, mais o educador se afasta de escutá-la, e de tomar decisões em sintonia com o que exige cada situação. É mais rico estar com o aluno do que saber dele, é ao encontro com o educando que ele se refere, sua presença e sua escuta.

Entre os três aforismos abordados por Freud (1937-1939/1986), o impossível de se educar coloca-se como um inalcançável estrutural e nos ajuda a refletir se expulsar um aluno é uma atitude resolutiva para as dificuldades do aluno, da turma e quanto ao papel da escola.

Freud aponta a precariedade inevitável de todo ato educativo, desconstruindo a ideia de um ideal educativo e substituindo-o quanto às condições de sua possibilidade já que a presença de um inconsciente entre educador e

educando introduz um controle impossível na direção desse ideal, nos remetendo ao impacto do inconsciente na cena educativa, a eficácia do não dito. Lacan nos alerta que toda pretensão de mestria educativa esbarra com uma dupla emissão: aquela que tem a ver com o que queremos emitir e outra que transmitimos à revelia de nossa vontade, mas que influi na comunicação com o outro.

É instigante pensar que se tem como meta a humanização, a educação impõe ao sujeito um enquadramento e assujeitamento a uma ordem simbólica, o que caracteriza o caráter conservador da educação. Colocando educação como sinônimo de civilização, Freud declara que a civilização precisa de insatisfação; o desejo precisa de obstáculo para se desenvolver, pois é na Lei, no limite que rege a castração que o desejo ganha algum contorno e forma. É estrutural a tensão entre sujeito e cultura. Se por um lado o Outro é com quem o sujeito se defronta e que barra o seu gozo infinito; por outro é quem estabelece o possível do gozo. O professor François tenta se equilibrar nesta corda bamba. O equilíbrio que a educação pode alcançar é precário, um acordo possível para vivermos com e não vivermos a barbárie, da qual muitas vezes nos aproximamos ou experienciamos.

Do lado da criança e do adolescente, eles clamam pelo impossível da adaptação, tentam resistir às tentativas desta adaptação e destes acordos mínimos para salvar uma autonomia e lutam contra o que é imposto e interditado. Mas uma passagem de turma se centra em transmitir se o aluno é bem ou mal comportado sem relato das suas histórias de vida e vivências na escola.

A educação sempre esbarrará com a tentativa de se libertar do pacto social, encontrará um ineducável que se instala no processo pulsional. Para psicanálise educar é criar condições para o surgimento de uma realidade compartilhada, imprescindível para a manutenção da civilização, para a construção de mais pontes e menos muros. Afinal, a educação bem-sucedida é aquela que fracassa pois pode gerar certa transgressão para que o novo ascenda.

A expulsão de alunos de escolas transfere problemas, não busca soluções. Ao se retirar de alguém de uma coletividade o direito à palavra e à legitimação de formas diferentes de gozo, o exercício da segregação trata a diferença pela exclusão. É uma solução simplista, imediatista e superficial. Souleymane é expulso da escola. Acompanhado de sua mãe, a filmagem foca a caminhada de costas. A escola dá as costas para Souleymane. Não há nenhuma cena que mostrasse a vida dele nem a busca de alternativas que talvez fossem mais eficazes para a superação de seus impasses.

Rodas de conversa são canais de escuta e fala que devem ser propostos como atividades constantes na escola. Nelas, coloca-se em movimento a vida das palavras:

- entre professores, para que sejam sensibilizados para pensar, escutar os outros, acolher o social e o psíquico dos sujeitos e os temas que tanto lhes afligem. Que a diversidade de olhares e de estratégias possam se renovar com inéditas alternativas para vivências complexas e não se fixarem na angústia,
- entre os alunos, para que possam conversar sobre os temas que os capturam na vida dentro e fora da escola.

Aos dois grupos, cabe se fazer ouvir e aprender com o outro. Surpreender e ser surpreendido.

Muros impedem travessias. Acredito fortemente que ao construirmos pontes entre pessoas, grupos e povos possamos encontrar caminhos novos e possíveis de trilhar.

Agosto de 2024

Katia Geluda
katiagel@uol.com.br
Rio de Janeiro - RJ - Brasil

Referências

BASTOS, A. Objeto e gozo na segregação e suicídio. In: BASTOS, A.; ZANOTTI, S. V. (Org.). *Mal-estar no século XXI*. Rio de Janeiro: Contra capa, Faperj, 2022. p. 155-174.

FREUD, S. (1910). *Introdução e conclusão de um debate sobre o suicídio*. Rio de Janeiro: Imago, 1986. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, IX).

_____. (1914). *Sobre o narcisismo*: uma introdução. Rio de Janeiro: Imago, 1986. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, XIV)

_____. (1925). *Prefácio à juventude desorientada*. Rio de Janeiro: Imago, 1986. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, XIX).

_____. (1937-1939). Análise terminável e interminável. Rio de Janeiro: Imago, 1986. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, XXIII).

LACAN, J. (1956). Situação da psicanálise e formação de psicanalistas. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

VOLTOLINI, R. *Educação e psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. (o livro foi utilizado como referência, embora não tenha sido citado).

Faça a coisa certa

*Cid Merlino**

Quero inicialmente destacar dois pontos que vão nos guiar nesta breve comunicação:

O primeiro ponto é a tendência a naturalizar as desigualdades como forma de manutenção do Estado em sua aliança com o poder.

O segundo é a formulação de que Memória e História sejam formas de entendimento do passado que nem sempre se confundem ou mesmo se complementam.

A psicanálise revela esses pontos no nosso cotidiano clínico. A trama psicanalítica revela na genealogia do Eu a ação do recalcamento com lacunas e incompreensões, resultados dos embates, desavenças e disputas ontológicas.

A amnésia infantil se mostra, associada à atemporalidade do material psíquico inconsciente – descritivamente, um campo fértil de manobras do sofrimento que nos direciona para a suportabilidade do mal-estar constitutivo. Para que essa operação se torne possível, a memória deve ter a característica de tornar presente o passado, com sua rede de lacunas e distorções presentes nas lembranças gerando narrativas compatíveis com a vida em grupo.

Encontramos em Freud a tradução desses pontos no texto *Construções em análise*. A tradução para a língua portuguesa oculta o sentido dado pelo uso do dativo na língua original. Não se trata do ponto final de uma ação do analista, mas de uma construção que se dá em uma situação analítica envolvendo ambos os componentes da trama transferencial, aceita como verdade histórica pelo analisando.

* Membro psicanalista e Supervisor da Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro (SPCRJ). EBEP-Rio, SPB.

Dessa forma, a causalidade aristotélica se faz presente e, como consequência, a angústia diminui. Sabemos que o princípio fundamental da causa finalista é que a causa precede o efeito. Nossos analisandos se apresentam com uma subversão desse princípio, tendo o efeito precedendo a causa, o que nos faz criar uma possibilidade de se defender da situação traumática. A compulsão nominalista dá conta do recado, integrando o desconhecido em uma rede associativa que tem como resultado o apaziguamento – não a eliminação – das intensidades indesejáveis.

É neste ponto que mora toda a problemática do filme.

A emergência dos sujeitos em um campo constituído significa dizer, por exemplo, que nascemos já com narrativas feitas que adotamos frente ao desapetrechamento e desamparo iniciais. Nossas primeiras narrativas são as narrativas do outro – aquele que está no papel de cuidador. Nascemos na voz passiva e precisamos migrar para a voz ativa, acompanhando o desenvolvimento corporal e as exigências psicossociais, pré-estabelecidas no desejo de maternidade e paternidade que antecede a própria concepção.

Somos cuidados e protegidos (e fica mais viável se formos amados) ao nascer e nos é apontado que essa situação seja transitória, fazendo com que desenvolvamos ferramentas para que possamos nos cuidar e nos proteger, da mesma maneira, ficando mais fácil desenvolver uma autoestima possível, ratificando e retificando todos os princípios adotados na fase autoritária inicial da educação.

Essa é só uma parte da história. Existe um lado B de insuficiências e ausências, de embates e lutas que fazem parte do processo civilizador do dia a dia.

Lilia Schwarcz (2019) elenca uma série de aspectos que aparecem – quando se quer e se possa ver – constituindo nosso enraizamento nessa cultura de referência que funciona como dispositivos forjando nossas subjetividades:

- Escravidão e racismo;
- Mandonismo;
- Patrimonialismo;
- Corrupção;
- Desigualdade social;
- Violência;
- Raça e gênero e
- Intolerância.

O filme de Spike Lee é de 1989. Curiosamente, estive nos USA em 1987 e fiquei um tempo em algumas cidades, entre elas, Baltimore. Essa cidade do sul

era o palco de muita violência, existindo um *bóton*[1] em que aparecia a frase *Stop Killing*. Bem, sabemos como evoluiu esse movimento e as razões de sua existência, estampadas no filme *Faça a coisa certa*.

Nesse mesmo ano, duas outras experiências me chamaram a atenção pelo mal-estar que me causaram: uma em Nova Iorque, no Spanish Harlem e outra em Raleigh, na Carolina do Norte. Em NY demorei meia hora para poder entrar em um elevador, pois quando chegava minha vez de entrar, era impedido se houvesse algum negro na fila depois de mim. Em Raleigh, fui chamado à atenção pelos seguranças pois estava rindo com uma negra caboverdiana que era minha *escort*, e isso não era permitido.

O que quero ressaltar é que foram exemplos que me marcaram – um ocidental caucasiano, branco e HT – mas que, para além da descrição bizarra da intolerância, pude pela primeira vez entender o sofrimento cotidiano que as diferenças produzem na maioria negra, pobre e de comunidade – que não precisam estar associadas – dia a dia, geração a geração, no Brasil há mais de 500 anos.

O que quero ressaltar com minha fala é que cada um dos itens elencados por Lilia Schwarcz estão presentes no nosso cotidiano.

Judith Butler escreve um livro chamado *Corpos que importam*, e penso na produção desses corpos com minha/nossa cumplicidade, que é o outro nome da alienação e indiferença.

Somos constituídos com premissas excludentes que se encontram naturalizadas através de um sistema de crenças e valores que apontam para o CERTO e para o ERRADO, formando cestas civilizatórias que, junto com práticas ancestrais, acreditamos que o mundo sempre funcionou dessa maneira.

O filme *Faça a coisa certa* retrata a situação social presente nas malhas de nossas relações. Convivemos em nossas bolhas, ignorando todas as faixas de Gaza que se encontram ao nosso redor, na Maré, no Alemão, em Campo Grande e nos calçadões do Rio de Janeiro.

Como no filme, basta uma centelha para que uma explosão se dê.

O filme aponta para a falta de diálogo nas redes sociais, criadoras de cancelamentos, nos usuários massacrados pelo binarismo de gênero, de política, entre outros, que sempre estabelecem um certo e um errado, um mocinho e um bandido.

Amos Oz nos alerta para que, nas entranhas desses conflitos, contemporâneos e/ou históricos, possamos desenvolver uma tênue possibilidade de acordo, quando pudermos entender que os conflitos se dão entre o CERTO e o CERTO.

[1] *Button* ou bóton é um objeto na maioria das vezes redondo, ou com outro formato, que contém conteúdo promocional, publicitário ou simplesmente decorativo (WIKPÉDIA).

Assim, creio que já produzi alguns elementos para tecer alguns comentários sobre o filme.

Faça a coisa certa aparece em 1989 e antecede a cultura *pop* global que conhecemos hoje, sendo o reflexo do que se seguiu aos movimentos hip-hop como porta-voz de uma linguagem com os eixos do radicalismo, da subversão e dos movimentos revolucionários. Em 1989 o hip-hop e o rap eram a forma de trazer à cena inquietações ligadas ao racismo, ao orgulho étnico, à raça, à luta de classes e à sexualidade inseridas no modelo urbano sob a forma de centelhas incendiárias, refletindo questões sociopolíticas maiores.

Esse filme escancara opressões históricas em um cotidiano raivoso, vibrante e excludente.

Tensões sexuais e raciais eclipsadas pelo véu da negação e da opressão atingiam todas as camadas sociais no final do século XX. Não é sem razão que se criou uma fantasia de fim do mundo.

Ao mostrar sua cara, a ambivalência denuncia uma série de preconceitos presentes nos xingamentos, hoje passíveis de prisão, tornando o bairro em que se passa o filme, o Brooklin, o epicentro de atitudes que vão opor brancos e não brancos – negros, latinos e orientais, ou melhor o epicentro da exposição da diferença de modo violento que torna o filme tão atual na realidade em que vivemos.

A superficialidade da montagem encobre raízes profundas e históricas escondendo um ponto simples e complexo de metabolização para os humanos consistindo, junto com a natureza e o tempo, a impossibilidade do projeto de felicidade plena, com acento no pleno: a diferença percebida como ameaça narcísica.

A centelha disruptiva no filme provoca o encadeamento de vítimas da truculência classista e a indiferença da convivência que percebemos nos dias de hoje.

Finalizo essa comunicação com uma fala de Lilia Schwarcz que escreve:

"História não é bula de remédio nem produz efeitos rápidos de curta ou longa duração. Ajuda, porém, a tirar o véu do espanto e a produzir uma discussão mais crítica sobre nosso passado, nosso presente e sonho de futuro" (SCHWARCZ, 2019).

Obrigado!

Julho de 2024

Cid Merlino
cidmerfer@gmail.com
Rio de Janeiro - RJ - Brasil

Referências

BUTLER, J. *Bodies that matter*. New York: Routledge, 1993.

LEE, S. *Faça a coisa certa.* 1989.

SCHWARCZ, L. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2019.

Meus heróis não aparecem nos selos

Sabira Alencar[*]

> Saber-se negra é a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades (SOUZA, 1983, p. 18).

Do the right thing é um filme escrito, produzido, dirigido e estrelado por Spike Lee que se diz fazendo um filme de preto para pretos. *Faça a coisa certa*, como foi traduzido em português, é uma interpelação que pede de uma mulher branca e de classe historicamente privilegiada, não a performance da culpa branca, mas sim uma escuta implicada, que se responsabiliza por um sistema ainda produtor de desigualdades catastróficas. Como nos lembra Conceição Evaristo (2019), "a questão racial não é para o negro resolver". Comentar esse filme é também reconhecer de onde o assisto, como permito que o filme me afete e é a partir disso que este breve comentário pode ganhar aqui algum sentido.

É o dia mais quente do ano, os corpos estão reluzentes e a temperatura parece fazer ferver paixões, memórias, tensões no bairro novaiorquino de Bedford-Stuyvesant, no Brooklyn. A paisagem saturada pelo sol contrasta com as cores fortes das camisetas de baseball, regatas de basquete, roupas de lycra, como era a moda nas ruas da época. O filme é lançado em 1989 e nos transporta para 24 horas da vida em Bed-Stuy – como aparece pixado nos muros e na blusa do personagem Radio Raheem, desempenhado por Bill Nunn. É um bairro de ocupação majoritariamente afroamericana que foi palco de impor-

[*] Psicanalista. Membro efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro (CPRJ). Mestre em Saúde Coletiva pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), com estágio doutoral na Universidade Paris V - René Descartes.

tantes conflitos no fim dos anos 1960, momento crucial do movimento pelos direitos civis dos pretos, como o direito de voto, conquistado em 1964 nos Estados Unidos. É o fim das leis Jim Crow, mas ainda há muito a caminhar. Nos anos 1980, Bed-Stuy vira um gueto da população preta, um território tomado pelo tráfico e, especialmente, um lugar de pertencimento da cultura *afro*.

O conceito de gueto não é evidente, nem consensual e ganhou derivações ao longo dos séculos. A complexidade do gueto problematizada pelo sociólogo francês Loïc Wacquant (2012, p. 19) é muito bem ilustrada por Spike Lee. O filme apresenta, de um lado, um espaço que materializa e circunscreve um diâmetro de dominação etnorracial, assim mais fácil de ser controlado e mantido à parte dos centros comerciais; de outro lado, desenha um território de pertencimento e vida comum, de trocas afetivas, partilhas e preservação da cultura de origem, o que é possível notar nas infinitas citações e códigos simbólicos presentes nos gestos, nas paredes, nas roupas, nas falas que o filme traz e cujo significado, em sua maioria, eu não sou capaz de reconhecer.

A lógica estrutural e funcional dos guetos é mantida de modo a minimizar o contato com a população estigmatizada, mas aproveitar os ganhos materiais que ela gera. É também onde a população desfavorecida se protege das violências externas (WACQUANT, 2012, p. 21). Se os guetos nos dão, portanto, uma visão topográfica de territórios existenciais compostos por excluídos e incluídos, ou seja, um mundo dividido entre dentro e fora, vamos entender que os "excluídos" são exilados no interior de uma comunidade maior, são, portanto, incluídos num sistema de opressão. Segregar radicalmente seria prejudicial ao próprio opressor, o que faz a ambiguidade do termo *excluído*.

A vida cotidiana de Bed-Stuy vai sendo acordada e sonoramente banhada pelo locutor da rádio, Mister Señor Love Daddy, ele que narra as relações afetivas, afirma o orgulho identitário da cultura afro e reforça, com suas falas e músicas, os significados coletivos daquele território. Enquanto Mister Love vem pregar paz e amor, a tensão presente nas relações entre os "de dentro" e com os "de fora" ganha dramaticidade com *Fight the Power*. A trilha sonora vem colorir emocionalmente um certo impacto sobre o espectador. A música chega com a dança forte, tanto alegre quanto raivosa, meio enlouquecida, da personagem Tina, de Rosie Perez, e se mantém ao longo filme no *big-radio* de Radio Raheem, como um lembrete daquilo que não pode ser esquecido: *what we need is awareness*, diz a letra da canção.

Cada personagem vai se desenvolvendo ali num fundo sonoro comum, causa e efeito da dimensão transubjetiva e do campo de afetação entre eles. O som se espalha em Bed-Stuy tocando os corpos, cantando orgulho, ressenti-

mento, culpa, vergonha, amor, ódio, cantando aquilo que não se pode qualificar. *Fight the power* é a própria convocação a que Spike Lee se propõe com o filme, a de lutar contra o abuso de poder; de que se valorizem as personalidades pretas, de se organizar coletivamente e preservar o orgulho de suas raízes. Ela faz alusões a protestos históricos, a figuras de referência do movimento negro, toca o contexto sociopolítico-afetivo naquele espaço-tempo e em ritmo do hip-hop, que já estava no centro da experiência cultural do Brooklyn. *Fight the power* tem essa energia explosiva que desemboca no conflito final e fatal. Ela foi encomendada por Spike Lee à banda *Public Enemy,* um grupo novaiorquino de rap inspirado nos Panteras Negras que levou um conteúdo mais ativista ao hip hop. A música fez o maior sucesso, impulsionada por seu clipe que começa com imagens da marcha sobre Washington por emprego e liberdade, liderada por Martin Luther King Jr, onde ele enuncia a frase que entra para a história: *I have a dream*. Da marcha, as imagens cortam para o que seria um comício, mas é um show da banda, com cartazes que trazem referências a fatos históricos significativos, bailarinos vestidos de militantes Panteras Negras e com os atores do filme entre o público, que estavam ali de fato para o lançamento da trilha sonora do filme.

De volta ao filme. O dia é canicular e a pizzaria de Sal mais parece um barril de pólvora. A temperatura esquenta as tensões por todos os lados nesse bairro onde por mais de 20 anos o italiano Sal, estrelado por Danny Aiello, consegue manter sua pizzaria. É ali que Mookie, personagem de Spike Lee, trabalha como entregador. A pizzaria é o palco ainda mais quente dos encontros, dos embates, das partilhas, entre os próprios pretos, entre pretos e brancos, entre gerações. É também espaço de paquera, rivalidade, desabafos, ruídos que retornam. Muito frequentada pelos moradores da região, ela traz um "muro da fama" criado por Sal com as fotos de Al Pacino, John Travolta, Robert DeNiro, entre outros. Buggin'Out – papel de Giancarlo Esposito, o Gus Fring, de *Breaking B*ad – propõe um boicote à pizzaria do italiano pela ausência de celebridades pretas no *wall of fame*. Mookie desempenha um papel conciliador na discussão e Buggin'Out lhe convoca a se manter preto. *Stay black!, Fight the power!, Do the right thing*! são algumas das injunções de resistência que o filme destaca e que o coloca na continuidade das ideias decoloniais. O pensamento decolonial mostra justamente o colonialismo como essa ferida do passado que ainda sangra no presente e às vezes infecciona, como diz Grada Kilomba (2019), e que nunca foi de fato tratada em nível institucional, em nível estrutural.

A relação colonial não desaparece com a emancipação dos povos colonizados, ao contrário, ela se reproduz. Spike Lee nos oferece uma diversidade de re-

presentações de um racismo cotidiano incorporado no vocabulário, nos discursos, nas imagens, nos gestos, nas violências sistemáticas que retornam de experiências traumáticas e continuarão, até que sejam devidamente tratadas. Do trio cômico de senhores jogando conversa fora, surgem falas que isolam aspectos do comportamento dos pretos das condições que os produziram, como se fossem atributos invariáveis da natureza dos pretos, a preguiça por exemplo: "ou os coreanos são geniais ou os pretos são uns bobos", diz um deles a respeito dos coreanos que chegaram há um ano em Bed-Stuy e já têm uma mercearia 24h.

A negação perversa do racismo (no sentido freudiano) acontece ao *sabermos* que as raças não existem como fato, *mas, mesmo assim* continuarmos a acreditar e nos orientarmos pelas formas racializadas das diferenças. O racismo não apenas permanece, mas permanece ainda mais vivo quando é travestido de um discurso que desmente sua persistência. Desmentir o racismo (agora no sentido ferencziano de termo) é dizer que não há mais racismo, é negar o que está sendo vivenciado pelas pessoas pretas, negar suas vozes e seu sofrimento racial. É difícil permanecer preto, como pede Buggin'Out. Sabemos com Ferenczi os efeitos do trauma patogênico sobre o sujeito. O desmentido afeta os processos representacionais, a confiança no mundo e em si mesmo. Ficam impressões sensíveis, fragmentadas, que são vividas somaticamente. Isso me faz pensar na fragmentação do filme.

O filme não tem uma narrativa linear, não conta exatamente uma história, ele apresenta instantes, fragmentos, recortes ordinários... do dia a dia desse bairro. Sujeitos revoltados, assujeitados, melancólicos, atormentados, furiosos, ociosos... Livres? Ele vai se desenrolando por uma sucessão de encontros e desencontros, afetos e desafetos, amizades e inimizades e, sempre, racismos de todos os lados e tipos, alguns mais declarados, *à la* Jim Crow, outros com vestimentas mais neoliberais. Os discursos utilizados para validar as políticas de (in)segurança dos Estados modernos acabam expandindo a lógica colonial e contribuindo para o reforço de estereótipos, segregações, inimizades, extermínios. O neoliberalismo, sabemos, não configura apenas uma ideologia ou política econômica, mas um modo de subjetivação. Fanon (2008, p. 28) coloca nos termos de uma interiorização, ou de uma epidermização da inferioridade.

Os racismos rondam as sociedades neoliberais feito um fantasma que os brancos não veem. O filósofo e historiador camaronês Achille Mbembé fala de um *nanorracismo* contra o qual se deve lutar, mas que é impossível, porque é feito de poeira, partículas. É como lutar contra uma atmosfera. E a atmosfera racista do filme transita entre momentos de sensualidade e atrito, leveza e tensão, comicidade e ameaça de uma guerra iminente. "O nanorracismo divertido

e desenfreado, completamente idiota, que tem prazer em chafurdar na ignorância e reivindica o direito à estupidez e à violência nela fundada – é esse, pois, o espírito dos nossos tempos" (MBEMBÉ, 2020, p. 105). Não basta uma constituição antirracista. Não se vive num país livre, como alega o personagem branco da bicicleta, quando sua cor de pele lhe impede de ser bem tratado, bem recebido para determinado trabalho, de continuar vivo.

As constantes ameaças de guerra têm efeitos diferentes da eclosão propriamente de uma guerra; é o que faz nascer um sentimento de urgência para o estado das coisas. Na base, está um pensamento paranoico que cria um inimigo virtual e contra ele sente a necessidade de tomar medidas preventivas, se antecipar ao inimigo que se impõe, no caso deste filme, na forma de ocupação territorial e contra a qual é preciso haver boicote. Isso produz uma formação particular de terror que se ergue a partir de angústias de aniquilação, como vimos acontecer no Brasil dos últimos anos. É assim que a matança de pessoas pode ser aceita como um mecanismo de segurança. Nessa reencenação da lógica colonial, as identidades etnorraciais passam a funcionar como exterioridades necessárias para que se defina uma comunidade dos "mesmos" por oposição aos "outros". A figura do inimigo desumanizado precisa ser constantemente recriada e o desejo de uma limpeza étnica e racial ganha os contornos materiais dos dispositivos de segurança, onde se incluem muros, fronteiras, expulsões, genocídios, guetos etc.

Nesse sentido, passados 35 anos, o mote do filme ainda se mostra, infelizmente, atual. A culminância das tensões entre brancos e pretos na pizzaria vira caso de polícia quando o comerciante italiano perde a cabeça e quebra o *ghettoblaster* de Radio Raheem porque este não queria abaixar o volume de seu som. Radio Raheem é contido pelos policiais e acaba morrendo asfixiado por um deles. Um transe furioso é provocado nos moradores do bairro que se juntam em um motim contra Sal e sua pizzaria aos gritos de "*Burn it down!*". A frase parece fazer menção à rebelião de Watts, nos arredores de Los Angeles, no ano de 1965, quando a cidade ferve contra a violência policial sofrida pelos pretos da periferia. *Let's burn, baby, burn*! Foi a frase repetida por um grupo dessa rebelião que se dizia seguidor de Malcom X. A frase acabou se tornando um slogan do levante de Watts.

O final trágico do filme teria um motivo estúpido, não fosse no fundo um recorte atualizado da cena colonial. Todos terminam em choque, de cara com a realidade traumática. A cena da morte de Radio Raheem, hoje, nos reenvia para tantas e terríveis imagens, em especial a de George Floyd também sendo sufocado por policiais em 2020, pela grande repercussão do caso no mundo todo. Uma ficção absolutamente ancorada na realidade, como mostram as estatísticas norteamericanas e brasileiras, que põem em números o racismo nas

abordagens policiais e no ciclo da Justiça. Esse modo de exercício da soberania foi chamado por Mbembé de *necropolítica*.

O termo *necropolítica* tem base na biopolítica de Foucault e concerne aos discursos políticos que validam massacres, extermínios, regimes totalitários modernos. Mbembé parte da ideia foucaultiana do discurso como dispositivo de poder para falar do racismo de Estado presente nos Estados Modernos que mantêm políticas de morte, políticas que decidem "quem deve viver e quem deixar morrer" (MBEMBÉ, 2016, p. 128). O autor explica que com esse conceito sua proposta era demonstrar as várias formas pelas quais, no mundo contemporâneo, existem estruturas cujo objetivo é provocar a destruição de alguns grupos. Essas estruturas são formas contemporâneas de vidas sujeitas ao poder da morte e seus respectivos "mundos de morte" – formas de existência social nas quais vastas populações são submetidas às condições de vida que lhes conferem um status de "mortos-vivos". Caberia ao Estado estabelecer o limite entre os direitos, a violência e a morte, mas, ao invés disso, os Estados utilizam seu poder e discurso para criar zonas de morte. Palestina, alguns locais da África, Kosovo, são alguns dos exemplos que ele traz. As favelas cariocas, podemos acrescentar, são outros, para citar apenas alguns. Nessas áreas, a morte se torna o último exercício de dominação. Quem morre em zonas como essas são grupos que encarnam o inimigo, geralmente selecionados com base na lógica racial. O argumento é o de que se forem eliminados, não haverá mais violência. É assim que a matança desses grupos pode ser aceita como um mecanismo de segurança.

As diferenças entre a biopolítica e a necropolítica são demarcadas por Mbembé com o apelo ao conceito de estado de exceção. Um dos policiais do filme fala para um branco de passagem que vem a ele se queixar da baderna no bairro: "sai logo daqui antes que esse pessoal comece a depenar seu carro todinho". A morte de Radio Raheem longe de representar um acidente, mostra a forma de exercício da soberania. Os guardinhas com expressão de bobos que circulam em Bed-Stuy não são os que decidem sobre a exceção, mas são eles que estão ali para manter a ordem, são soberanos que operam a morte sem qualquer significado, porque a economia do sacrifício nesse cotidiano militarizado requer o rebaixamento do preço da vida. A existência do Estado em Bed-Stuy se faz presente pela licença para matar e não pela racionalidade da norma. O corpo matável é aquele que está em risco de morte a todo instante em função do critério definidor de raça. A guerra, a política, o homicídio, o suicídio são formas de exercício da soberania. Os Estados Unidos são uma espécie de democracia sacrificial, nos termos desse autor, que precisa se nutrir do sangue dos seus bodes-expiatórios. Desde sua fundação, os negros foram os bodes-expiatórios. A

violência que é cometida contra essa população aparece como acidente, ao passo que ela é consubstancial à estrutura mesma dessa sociedade.

As liberdades civis, assim como os deveres e os direitos de todos, deveria ser garantia numa sociedade democrática. Democracia foi, aliás, um termo tão utilizado nos últimos tempos no Brasil, como nos Estados Unidos, que anda bastante desgastado. Mbembé vai dizer que as democracias sempre foram comunidades de semelhantes, o que traz em si a política da inimizade. Não temos experiência de democracia que não tenha fabricado os indesejáveis, aqueles que terminam totalmente ou parcialmente desprovidos de direitos: pretos, loucos, criminosos, estrangeiros, mulheres, crianças, os anormais de Foucault... Nunca vimos democracia para todos. Em tese, sociedades democráticas são sociedades em que a brutalidade e a violência teriam sido banidas ou ao menos controladas, mas, na prática, são toleradas. Ainda nas palavras desse autor, é preciso criar algo novo, porque as noções nas quais nos apoiávamos não funcionam mais. É preciso aprofundar o sentido da democracia que vem sendo esvaziado pelas forças do capital, pelo desenvolvimento tecnológico da nossa época e sua luta contra o tempo, e pelo militarismo. As questões planetárias nos obrigam a repensar a democracia e aprofundar o conceito numa direção que inclua não apenas a totalidade dos seres humanos, mas também tudo que está vivo, o reino mineral e vegetal com quem dividimos o planeta, e que é condição de nossa existência. E precisamos passar da democracia dos semelhantes a uma democracia mais expandida que dê lugar àqueles que não são como nós. Caso contrário, os conflitos sempre aumentarão. Para isso, é preciso arte, cultura, cooperação, é preciso ser capaz de escutar, sentir junto, *sentir com*.

Para finalizar, um adendo. Vimos a psicanálise ao longo de sua história se mobilizar para pensar questões econômicas e sociais, questões de sexualidade e gênero. Foi urgente que se debruçasse nas questões raciais. É, portanto, significativo que em um ano de virada institucional no Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro, em que a escola se dedica ao programa de ações afirmativas para se inserir no processo de reparação histórica do quadro de profundas desigualdades que marcam a sociedade brasileira, que seu ciclo de cinema se encerre com o filme *Do the right thing*. Significa retomar questionamentos iniciados por autores como o francês Octave Mannoni e martinicano Frantz Fanon, há mais de 70 anos. Em 1950 Mannoni publica *Psicologia da colonização*, um livro intempestivo e uma primeira tentativa de descrever a economia libidinal inconsciente própria ao colono e não ao colonizado, como era típico na sociologia tradicional. Talvez poucos saibam que antes de se tornar psicanalista, Mannoni morou 25 anos entre a Martinica, a Ilha da Reunião e Madagascar,

onde era professor de literatura e filosofia em liceus. Ele lecionava e era editor da *Revista Madagascar* quando acontece em 1947 a grande revolta malgaxe contra a França, sendo destituído de seus cargos por defender a independência de Madagascar. *Psicologia da colonização* é uma espécie de testemunho dessa experiência nas colônias. O livro recebeu críticas das alas marxistas e do movimento negro e ele próprio adverte na primeira edição que possivelmente o livro receberia correções futuras.

Já Fanon, em *Pele negra, máscaras brancas* (1952), adota uma perspectiva diferente daquela de Mannoni para discutir os efeitos subjetivos da colonização no colono e no colonizado no sentido de uma libertação do preto da alienação psíquica produto da dinâmica colonial e do olhar do branco sobre ele. Ambos estão interessados na formação subjetiva em um contexto marcado pelo racismo e nos efeitos de uma ideologia pretensamente universal que se recusa a perceber que, no plano simbólico, as assimetrias entre pretos e brancos permanecem. Eles mantêm um diálogo implícito que fica evidente no lançamento da revista de *Esprit* de 1951, com publicações dos dois. Mannoni escreve *La Plainte du noir* e Fanon *L´expérience vécue du noir*. O título do futuro livro de Fanon faz alusão a uma expressão usada por Mannoni, algo como "mostrar sua pele negra é fazer cair a máscara". Em 1966, Mannoni escreve *The decolonization of myself*, publicado na revista britânica *Raça*. O trabalho de descolonização de si passa por rever essas convicções universalistas implicadas nos mitos raciais e coloniais, enfrentar suas próprias resistências e reconhecer as diferenças. Paradoxalmente, se a noção de raça é declarada inexistente, não poderia deixar de existir se queremos entender o sofrimento da pessoa preta. O racismo não apenas permanece, mas se torna ainda mais perverso quando é travestido de um discurso que desmente sua persistência. Sigamos nesse trabalho de tomada de consciência do modo como estamos presos a uma matriz de relações de forças produtoras de uma certa circulação de afetos e ideias que nos impedem o descolamento da lógica colonial.

Agosto de 2024

Sabira Alencar
sabira.alencar@gmail.com
Rio de Janeiro - RJ - Brasil

Referências

EVARISTO, C. [Entrevista concedida a] Guilherme Padin. R7, 2019. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/conceicao-evaristo-a-questao-racial-nao-e-para-o-negro-resolver/?gclid=CjwKCAiA1JGRBhBSEiwAxXblwSaPF42yC2GmoyPXV87htBR__uc3hdZIA-sV-Bfz9cunAIFP2iR42BoC1M4QAvD_BwE>. Acesso em: 05 jul. 2024.

FANON, F. [1952]. *Peles negras, máscaras brancas*. Salvador: Ed. UFBA, 2008.

KILOMBA, G. *Memórias da plantação*. Episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MANNONI, O. *La psychologie de la colonisation*. Paris: Le Seuil, 1950.

_____. The decolonization of myself. *Race & class,* v. 7, n. 4, April 1966. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/030639686600700401>. Acesso em: 05 jul. 2024.

MBEMBÉ, A. *Políticas da inimizade*. São Paulo, SP: N-1 edições, 2020.

_____. Necropolítica. Biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte. São Paulo, *N-1 edições*, p. 123-151, 2016.

SANTOS, N. *Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social.* Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

WACQUANT, L. Repenser le ghetto. Du sens commun au concept sociologique. *Idées économiques et sociales.* n. 167, p. 14-25, 2012. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-idees-economiques-et-sociales-2012-1-page-14.htm>. Acesso em: 05 jul. 2024.

Esta publicação foi composta em Minion Pro e Din Pro
e impresso pela Renovagraf em outubro de 2024.